

BRUXAS

CONTOS E POEMAS

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

SELO

CONEXÃO LITERATURA

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS E POEMAS

Introdução: Por Ademir Pascale, pág. 04
Das estrelas, por Roberto Schima, pág. 05
Porção do amor, por Vânia Pontes, pág. 13
A bruxa Daciana, por Max Rocha, pág. 15
Estrada de ferro, por Idicampos, pág. 21
Matinta Perera, por João Gabriel Fernandes Manzi, pág. 24
A caçadora, por Kamila C. Moraes, pág. 27
Chapéu de palha, por Elcio Aldrin, pág. 33
O dia em que as artes quase morreram, por Alessandro Mathera, pág. 38
O amuleto vermelho, por Diego Angelo Silveira, pág. 44
Adeus, minha amiga, por Nancy Scarlett-Hayalla, pág. 49
Um conto de Halloween, por Pedro Guastelli Fadini, pág. 54
Linha interdita, por Idicampos, pág. 56
Que o fogo me faça esquecer, por Tami Nogueira, pág. 59
As mulheres de Sangagré, por Vinícius Oliveira, pág. 64
A origem da bruxa, por Max Rocha, pág. 70
Conheça outros títulos da coleção, pág. 76

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura

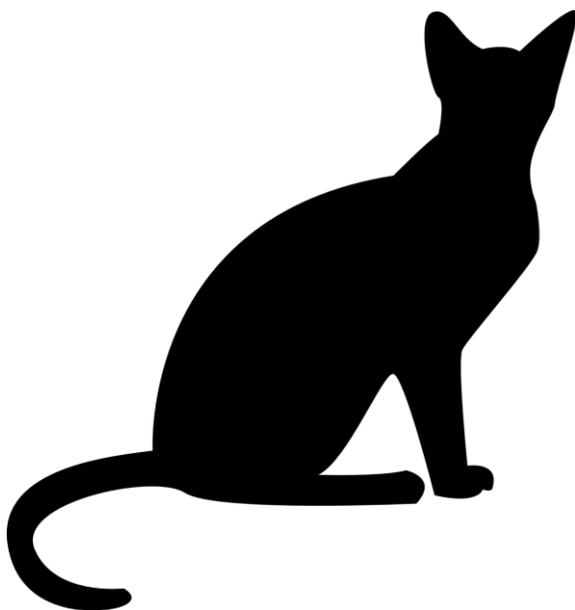


INTRODUÇÃO

Sem dúvida que esse é um dos temas que mais desperta minha atenção. Fantasia e realidade se mesclam. As bruxas fazem parte da nossa história e a pergunta que surge é: será que elas ainda existem? Mulheres que tinham um grande conhecimento de ervas medicinais e que também trabalhavam com o oculto, segredos que foram passados de geração em geração através dos séculos. Algumas sofreram simplesmente por adquirirem um conhecimento que fugia dos padrões.

E foi pensando nisso que excelentes escritores decidiram contar suas histórias e poemas usando como tema principal as Bruxas.

Desejo uma boa leitura!



Ademir Pascale - Escritor e Editor

www.edgarallanpoe.com.br

www.revistaconexaoliteratura.com.br

APRESENTAMOS O CONTO

Das estrelas

POR ROBERTO SCHIMA

Cintila chega das estrelas ao nosso mundo a fim de resgatar seu semelhante, chamado Lampejo, e vê-se numa aldeia em meio a uma cerimônia onde doze mulheres acusadas de bruxaria estão sendo queimadas. Mostra-se preocupada de que Lampejo tenha sofrido destino semelhante através das mãos do cruel inquisidor, Mendonça. Apossando-se do corpo de uma menina, inicia a sua busca. Entretanto, devido ao seu comportamento incomum, acaba chamando a atenção do inquisidor. A partir daí, passa a correr o risco de tornar-se a décima terceira vítima a arder nas chamas.

Roberto Schima é neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agradado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio", contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Os Fantasmas de Vênus", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Informações: Google. Instagram: @robertoschima. Contato: rschima@bol.com.br.

Cintila chegou no rastro de uma cauda de cometa. Foi um arauto de maus presságios para os habitantes de uma aldeia que recebera recentemente a visita de uma figura ilustre, mas, nem por isso, bem-vinda.

Era noite de dois de novembro e um vento prenunciador de chuva refrescava as montanhas, os bosques e as colinas, fazendo as árvores farfalharem, as cigarras entoarem seus cânticos estridentes e os astros no firmamento — em especial a Estrela Vespertina — brilharem com maior intensidade.

Num interregno de repentino silêncio, a explosão ocorreu. Aconteceu a alguns quilômetros sobre a superfície, gerando uma onda de impacto que arrasou a floresta abaixo, esmagando e incinerando árvores, arbustos, moitas.

A pequenina estrela, como se um misto de semente de dente-de-leão e pirilampo fosse, emergiu da calamidade e flutuou ao sabor das correntes de ar. Cintila infiltrou-se em um jovem morcego, embrenhou-se por seu cérebro até decidir-se sobre qual rumo seguir. Então, partiu célere num bater de asas.

Distante dali, na aldeia, boa parte dos moradores encontrava-se na praça.

— Quantas serão queimadas desta vez? — perguntou um homem barbado para Seu Pedro, o dono do botequim local.

— Doze.

— Doze? O inquisidor Mendonça e seus lacaios tiveram muito trabalho. Se demorarem mais algumas semanas por aqui, ficaremos sem mulheres!

— Fale baixo, Aragão! Essa gente tem olhos e ouvidos por toda parte. São servos da Igreja. E a Igreja representa a vontade de Deus sobre a terra.

O velho estava certo, pensou Aragão, alcaguetes não faltavam. A Igreja podia até simbolizar a vontade de Deus no mundo, mas Mendonça e sua corja, com toda certeza, serviam ao diabo. Aragão ouvira a conversa de dois dos lacaios sobre os métodos de tortura: dedos esmagados, ferros em brasa, estiramento dos tendões, imersão na água gelada. Os corpos eram despidos e submetidos às maiores indignidades por celibatários degenerados. Nessas circunstâncias, até ele, Aragão, confessaria ser o próprio capeta

para ver-se livre dos sofrimentos atrozes provocado pelos verdadeiros demônios que peregrinavam de aldeia em aldeia a fim de deliciar seus instintos sádicos e bestiais.

— Tem razão, Seu Pedro. É melhor eu ficar quieto.

Afinal, Aragão tinha esposa e duas filhas por quem zelar. Pagou a conta e foi ao encontro delas.

A multidão e o burburinho aumentaram.

Pilhas de lenha foram juntadas ao redor de doze postes aos quais doze mulheres desesperadas foram trazidas e amarradas.

Normalmente, o inquisidor concederia liberdade às sentenciadas por bruxaria de se expressarem pela última vez, implorando perdão por seus pecados. Todavia, a choradeira dos parentes e os gritos das réis eram tamanhos que ordenou aos lacaios que amordaçassem as acusadas e silenciassem a turba.

A seguir, do alto de uma plataforma, começou seu falatório:

— Aqui estamos reunidos em nome do Senhor para...

Súbito, o rugido longínquo da explosão foi ouvido, seguido por um ligeiro tremor vindo do chão. Em seguida, uma lufada de ar quente trouxe o odor acre e queimado de algo indefinível.

— Cheiro do diabo! — gritou uma mulher, histérica. — Ele veio resgatá-las!

— Cale a boca! — sussurrou o marido. — Ou poderá ser a próxima a arder.

Ela se encolheu toda de medo, escondendo-se na multidão.

O inquisidor Mendonça, por seu turno, mostrou-se alarmado. Inspirou até encher os pulmões. Seus olhos, habitualmente arrogantes, agora exibiram algo inédito a todos: medo. Ergueu um punho cerrado.

— Acendam o fogo! — bradou. — Queimem as bruxas!... DEPRESSA!

O morcego sobrevoou a região a tempo de ver o clarão das chamas.

Logo, um odor de carne e cabelos queimados foi trazido pelo vento. Guinchou de medo. Como aquelas criaturas podiam cometer tais atos? Cintila era nova no lugar, mal sabia que testemunhava a ponta do *iceberg*. A humanidade não precisava de demônios, pois tinha em seu semelhante seu maior algoz.

"Preciso trocar de corpo", pensou Cintila.

Aproveitando-se das fagulhas que subiam ao crepitar da fogueira, a pequena estrela desprende-se do morcego e infiltrou-se em uma criança — uma menina — na borda externa do círculo de aldeões.

O animal, livre e confuso, fugiu dali a toda velocidade.

A menina, até então encolhida e apavorada atrás dos pais, assumiu uma expressão ausente, espremendo-se entre as pessoas. Assim, Cintila assistiu a imolação das dozes almas, cuja culpa fora a de serem velhas solteironas, manipularem ervas, sofrerem de esquizofrenia, epilepsia ou por serem mal vistas na comunidade. Perguntou-se se o destino de Lampejo teria sido o mesmo.

A família da criança sequer se deu conta de sua ausência. Ela continuou a caminhar devagar por entre as pessoas, fitando uma a uma.

Cintila procurava captar a mente de cada um e, inclusive, dos animais domésticos, a fim de detectar a assinatura espiritual de Lampejo.

"Lampejo!" gritou com a voz de sua mente. *"Onde você está? Vim salvá-lo!"*

A fisionomia da menina continuava vazia.

Ele se encontrava ali, em algum lugar. Por que não respondia?

De repente, acima do crepitar das fogueiras e do burburinho da multidão, a voz tonitruante do inquisidor Mendonça fez-se ouvir:

— VOCÊ! — apontou. — Sim, você, menina.

E todos os rostos voltaram-se para ela.

— Você mesma — prosseguiu o clérigo. — Por que está aí de olhar vidrado como se as chamas do inferno não a afetassem?

Cintila sentiu-se acuada. Poderia abandonar o corpo da menina e apossar-se de outro, entretanto, assim o fazendo, estaria condenando a pequena ao mesmo destino das infelizes cujos cadáveres ardiam. Seria arrastada e amarrada sem saber o porquê de seu martírio. Sentiu que alguém a pegava no colo.

Era Aragão, aflito.

— É só uma filha fujona. — E foi se embrenhando na multidão.

Cintila viu o terror nos olhos daquele homem.

— Detenham-no! — ordenou o inquisidor Mendonça a seus lacaios.

A multidão afastou-se de pai e filha como se tivessem contraído uma praga.

A movimentação chamou a atenção de Seu Pedro.

"Aragão, no que é que foi se meter?"

E o freguês do comerciante protestava:

— Não! Minha filha não. Ela é pura e inocente.

O inquisidor retrucou, destilando desprezo na voz.

— Não é o senhor quem decidirá isso, mas o Altíssimo. Se o demônio tomou conta de sua filha, ela queimarás. Se for inocente, sairá incólume das chamas.

— NÃÃÃOOO! Se há um diabo aqui — gritou o pai, vendo-se perdido — é aquele que levou sua alma, Reverendo!

— Tragam-me os dois! — ordenou o irado inquisidor. — Percebo que esse homem também se encontra possuído.

Os lacaios se aproximaram, portando cacetetes, facões e algemas.

A menina, vagorosamente, cerrou os punhos. Ela apertou e apertou.

Ato contínuo, os assassinos levaram suas mãos ao peito. Cacetetes, facões e algemas caíram ao chão. Gemidos engasgados partiram de suas bocas e, em seguida, desabaram feito títeres cujos cordames tinham sido cortados. Mortos.

Cintila concentrara-se naqueles corações de pedra, imaginara-os como frutos maduros em suas mãos e os esmagara até extrair deles todo o sumo.

— O quê? — balbuciou o inquisidor, incrédulo. — Como?

Aproveitando-se do caos, Cintila abandonou a menina que, confusa, pôs-se a chorar. A pequenina estrela confundiu-se às fagulhas que saltavam das chamas e infiltrou-se numa mulher ao lado de um guarda fortemente armado, ambos posicionados atrás do inquisidor na plataforma. Cintila soube imediatamente tratar-se tanto de uma criada quanto da amante de Mendonça. Foi quando se deu conta de que sua busca chegara ao fim. Em vez de alívio, ficou chocada.

Enquanto Aragão e a filha confundiam-se na turba, a criada aprumou-se.

"Lampejo! É você no corpo desse maldito? "

Sim, era inacreditável. Aquele a quem Cintila julgara perseguido, em realidade, tornara-se o perseguidor, torturador e assassino.

— Você! — gritou o inquisidor Mendonça, surpreso, usando a voz do homem.

"Vim de nosso mundo para salvá-lo da irracionalidade dos seres humanos e o encontro praticando os mesmos atos abomináveis. Por quê?"

Recompondo-se, Lampejo, no corpo do inquisitor, respondeu mentalmente:

"Aguardei socorro. Vocês não vieram. Não obstante nossos poderes, cheguei a um ponto em que não conseguia mais fugir. Eles haviam se organizado em uma instituição poderosa chamada Santa Inquisição e, sistematicamente, perseguiram a todos cujas crenças consideravam indesejáveis. Eu estava a ponto de abreviar a vida de seu líder, aquele que chamam de Papa, todavia, conclui que isso causaria um rebuliço ainda maior, então, tive a idéia de, em vez de escapar indefinidamente de meus carrascos, apossar-me do maior deles. Ninguém me caçaria. Poderia até dormir na certeza de acordar em paz."

A mulher levou as mãos na altura dos seios.

"Dormir com esta criatura?"

"Eles têm um provérbio: 'Em Roma, haja como os romanos'. Não sou eu quem copula com essa fêmea, mas Mendonça."

"Mas é você quem está de posse do corpo dele. Também absorveu a mentira e a hipocrisia? Faz alusão à paz. Chama isso de paz?"

O corpo do clérigo deu de ombros.

"Eu estou em paz. Quanto a eles... são apenas humanos."

"Eu vim para salvá-lo..."

"Estou feliz por isso. Desejo muito retornar para o lar."

"... contudo, vejo que a salvação que você necessita é outra. Você tornou-se o mal que nós execramos. Poderia ter escapado para qualquer lugar: na mente de uma ave, de um felino ou de uma criatura dos oceanos. Contudo... Não me resta escolha senão impedi-lo e devolvê-lo ao nosso mundo para as medidas punitivas cabíveis. Em vez de aprimorar os humanos, tornou-se humano naquilo que eles têm de pior."

O inquisidor deu um pulo para trás e apontou um dedo para a amante.

— Guarda, mate-a imediatamente! É uma feiticeira!

— Como, senhor? E a confissão?

— Ora, estúpido! Dê-me a sua arma.

Tomou a lança das mãos do guarda, porém, antes que pudesse atingir Cintila, ela já tinha evadido para outra pessoa.

A lança trespassou o corpo da mulher que, atônita, fez uma careta de dor e espanto, caindo no piso da plataforma.

Alguém na multidão gritou:

— Bruxo! Assassino!

Antes que o inquisidor Mendonça pudesse ver de onde partira a voz, em outra parte, outro bradou:

— Feiticeiro!

Era Cintila em Seu Pedro.

Isso continuou. De diferentes pontos da turba, as vozes incitavam, vociferavam:

— Bruxo!

— Monstro!

— Peguem-no!

— Queimem-no!

Cintila ia pulando de pessoa em pessoa. Pouco a pouco, o cerco ao redor da plataforma foi se fechando na mesma proporção em que aumentava o coro de vozes inflamadas pedindo a cabeça do inquisidor.

Alguém atirou uma pedra. Outros logo imitaram.

Acuado, Lampejo preparou-se para abandonar o corpo do clérigo. Antes que isso acontecesse porém, sentiu o aperto dilacerante dentro do peito e, a exemplo de seus lacaios, desabou. Mendonça estava morto.

Cintila abandonou o último corpo do qual se servira: o guarda. Em sua forma natural de ponto de luz, dirigiu-se até o cadáver de Mendonça e fez elevar a luz esmaecida de Lampejo. Estava bastante fraco, mas ainda vivia.

Logo em seguida, o guarda foi rapidamente eliminado e a horda enraivecida pôs-se a retalhar o corpo do clérigo.

Quando os dois pontos de luz estavam prestes a desaparecer no interior da floresta, uma voz de criança foi ouvida:

— Ei, você!

Cintila estacou com seu prisioneiro ao lado.

Quem olhasse, poderia imaginar tratar-se de um par de pirlampos.

A voz partira da criança a quem primeiro Cintila ocupara. A menina, acompanhada do pai, perguntou:

— Você é um anjo?

Não obstante os sofrimentos, a criança ainda era pura.

Cintila poderia ter ignorado e desaparecido entre os ramos das árvores. Porém, respondeu na mente da outra e do pai:

"Vim do céu, mas não sou um anjo, tampouco uma santa."

— Você nos protegeu.

O barbudo Aragão confirmou num aceno de cabeça.

"Eu possuo dons, poderes. Se dos céus ou do inferno, não me cabe afirmar. Devo partir. Não contem nada disso para ninguém."

A menina insistiu:

— Irá voltar?

"Eu não contava com isso, porém, quem sabe, criança? Pelo menos, parto feliz pela descoberta de que há um anjo verdadeiro nesta terra: é você."

E a luminosa semente de dente-de-leão desapareceu com seu prisioneiro.

— Vamos voltar para junto de sua mãe e irmã. Não conte nada, viu?

Não, a menina aprendera a sabedoria do silêncio e jamais relataria a quem quer que fosse. Seria o segredo de ambos por toda a vida.

Quanto a Aragão, Seu Pedro que o perdoasse, mas este acabara de perder um cliente. Passaria o maior tempo que fosse a cuidar dos seus e da lavoura.

Três de novembro chegou e cumpriu sua promessa: fortes pancadas de chuva lavaram o chão das cinzas, do sangue e das recordações ruins. A alvorada despontou a tingir de rubro o horizonte e trazendo a esperança de melhores dias.

Bosques e colinas receberam o aguaceiro.

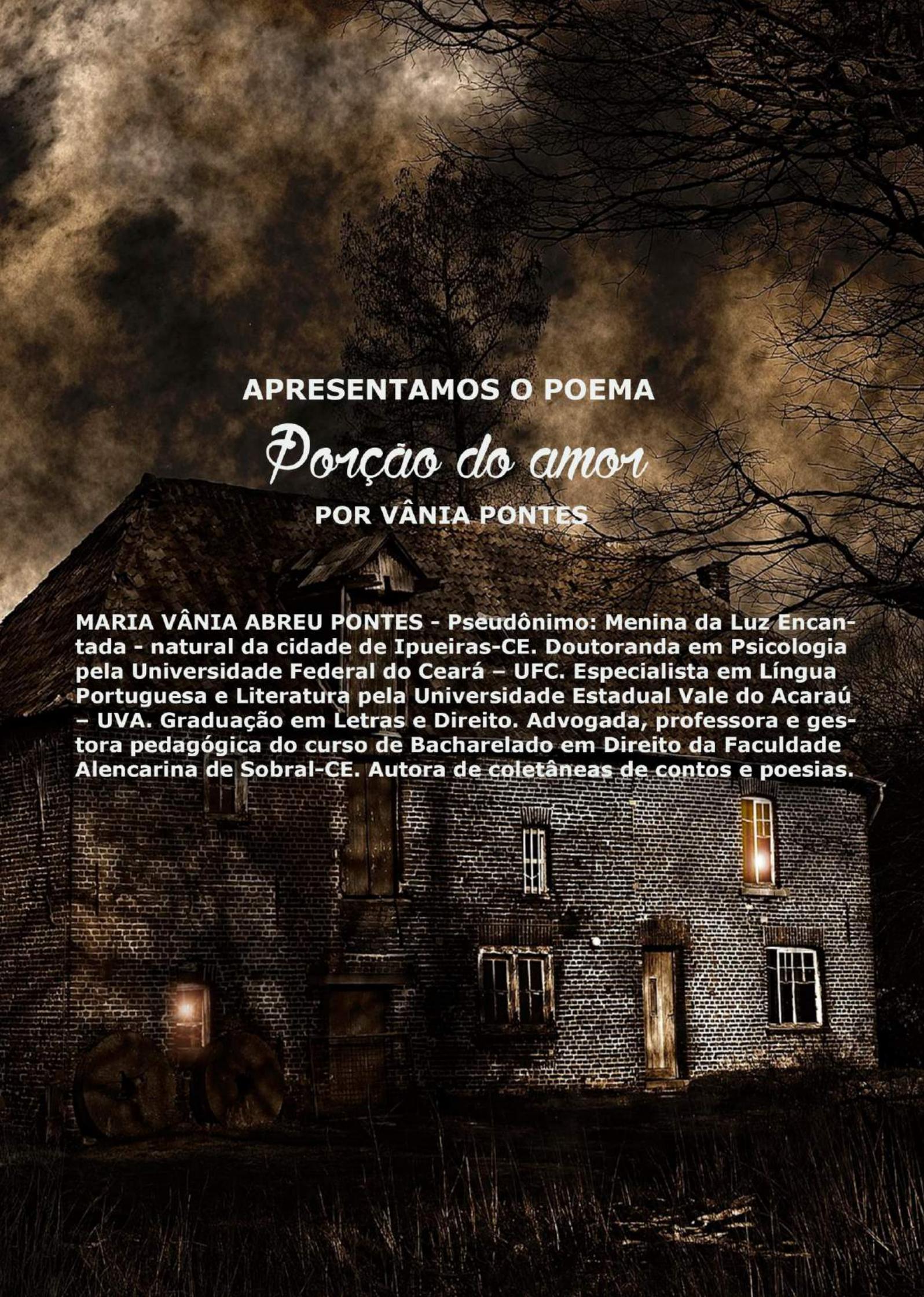
As copas das árvores farfalharam como nunca.

Cigarras acasalaram e silenciaram-se os cânticos.

No firmamento, a Estrela Matutina, por fim, sumiu.

E, nas alturas inconcebíveis, as criaturas das estrelas tornaram-se cometas e retornaram para casa.





APRESENTAMOS O POEMA

Porção do amor

POR VÂNIA PONTES

MARIA VÂNIA ABREU PONTES - Pseudônimo: Menina da Luz Encantada - natural da cidade de Ipueiras-CE. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduação em Letras e Direito. Advogada, professora e gestora pedagógica do curso de Bacharelado em Direito da Faculdade Alencarina de Sobral-CE. Autora de coletâneas de contos e poesias.

No céu da sua boca atraente produzo a porção do amor,
E faço das línguas colheres mágicas de mexer o néctar.
Quanto mais você mexe, mais aperfeiçoado é o sabor,
Da porção mágica que incita o amor e o anseio de beijar.

A lei do encontro traz segredos da porção mais fluída,
Que só as nossas almas conhecem seu êxtase no riso,
De alegria na altura da boca que saliva o mel da vida,
Na magia das humanidades com muito riso pouco siso.

O beijo sem avisar vem como sobremesa para as bocas,
E gera a medicina sagrada do corpo de curas feiticeiras,
Ancoradas na entrega de um milagre celular das loucas
Bocas que respiram, vibram e bailam como companheiras.

Na mística do beijo, o amor se manifesta feito caldeirão,
Que acende o fogo do ósculo a cada nova porção de afeto.
A boca é veículo sacro que nutre o primeiro toque da ação,
Das águas que refletem as almas nos rostos com maior gosto.

O beijo é o mel e o dengo da criação que se produz na cachoeira,
Mais criativa das bocas amantes do santo feitiço feito pelo amor,
Que cria algo maior por dentro da gente, na junção da verdadeira
Constelação do céu das estrelas e do céu da boca, num só esplendor!



APRESENTAMOS O CONTO

A bruxa Daciana

POR MAX ROCHA

Século XIV, leste europeu; era pré-medieval contemporânea da grande fome e da terrível peste negra que atingiu a Europa, assolada pelas guerras com os povos eslavos. Neste macabro contexto a continuidade da saga de Daciana, nascida da trágica conjunção carnal de um demônio e uma humana, como descrito no conto **A ORIGEM DA BRUXA**. Injustiça social, discriminação, magia negra, bruxaria e possessão, envolvendo três gerações de mulheres independentes e ligadas às práticas naturais.

Max Rocha é apenas alguém que gosta de escrever. Médico graduado pela UFMG e pós-graduado pela PUC-RS. Escritor amador com publicações de obras literárias no site Recanto das Letras há mais de 10 anos (contos, crônicas, artigos e poesias entre outras obras - <https://www.recantodasletras.com.br/atores/maxrocha>). Perfil recentemente aberto na plataforma Wattpad (@Max_Rocha), com quatro (04) obras completas publicadas: noveleta e contos. Interesse por misticismo, folclore, ficção histórica e científica, narrativas de suspense, terror e mistério (este último com um toque de humor). Facebook: <https://www.facebook.com/max.rocha.56863221>.

I – INOCÊNCIA

Daciana cresceu e educou-se sob o rígido jugo de sua avó, recebendo todos os milenares ensinamentos pagãos. Aprendeu desde tenra idade que era parte de um todo cósmico, e que da conservação do ambiente e da fauna do local em que vivia dependia sua própria integridade. Amava os banhos de cachoeira e deixava-se molhar sob a chuva torrencial, mas nunca adoecia, pois sempre era recebida por sua amada avó com infusões quentes que — espantavam os miasmas e os maus espíritos — repetia a velha mulher. Aprendia os segredos das plantas medicinais e também como se utilizar das ervas para fins alucinógenos. Trimestralmente reunia-se com outras adolescentes em círculos demarcados por pedras, tendo ao centro uma fogueira. A princípio sentia medo, mas sua avó Ragana a tranquilizava, reforçando seus vínculos com a natureza e os animais.

As duas criavam caprinos e Daciana tinha especial afeição por um cabrito negro que sempre a acompanhava em suas incursões para fora dos limites de sua morada. Nunca teve medo dos animais da floresta, mesmo os mais temidos como os morcegos, corujas, serpentes e lobos. Vivia em harmonia com aqueles seres da mata.

Admirava e clamava o calor da luz do Sol, ao mesmo tempo em que vivia sob o signo da Lua e suas fases; se deixava cortar os belos cabelos ruivos pela avó durante a Lua crescente; conhecia as estrelas e as constelações; temia e respeitava os eclipses, mas entendia que sua energia vital era intimamente ligada à natureza e seus ciclos.

Não o sabia ainda, mas como visgo à floresta estaria eternamente ligada.

II – DESABROCHAR

A vida seguiu seu percurso. Daciana acabara de completar 16 anos. A natureza em forma feminina desabrochara em seu corpo. Era cobiçada pelos homens do vilarejo, por suas formas pujantes e suas madeixas vermelhas. Por muitas vezes se valeu dos encantamentos e simpatias aprendidas para manter distantes aqueles homens rudes e nojentos. As reuniões noturnas com as campesinas da localidade ganharam outro

significado. Vontades femininas eram confessadas e cada vez mais frequentes transe coletivos findavam-se em sonoras cantorias; evocava-se à fartura da próxima colheita e ao afastamento das doenças.

Muito se falava sobre a ameaça crescente de uma praga com origens nas terras asiáticas ao leste. Viajantes e mercadores relatavam horrendas situações que afligiam a todos que os escutavam. O medo perscrutava as jovens mentes. E foi nessa atmosfera sombria que Daciana sofreu a maior perda de sua até então breve vida: Ragana passou por um prolongado estado febril e delirante e foi entre lágrimas de sua jovem discípula que proferiu suas últimas palavras:

— minha pequena, teu destino em breve será revelado; lembra-te do que aprendeste e do amor que lhe dediquei; tu vais precisar muito dele; mas não tenhas medo..."

III- PESTE

Ano de 1350. A peste negra arrasava o vilarejo de Brownski. Assim como em outras regiões da Ásia e Europa, milhares de pessoas sucumbiam como vítimas indefesas e deformadas por escuras feridas pustulentas. Cadáveres eram atirados em valas comuns e queimados por homens amedrontados usando estranhas máscaras em forma de bico de pássaro. A fome implacavelmente atingia os povoados e produzia hordas de ladrões em busca de cada vez mais exíguos alimentos.

Desesperados os camponeses buscavam refúgio em novas religiões, acreditando em pecado e castigo divino a explicar as terríveis provações pelas quais passavam. Um número crescente de fiéis se convertia ao Cristianismo e passaria a rejeitar os cultos pagãos e seus praticantes, em sua maioria do sexo feminino.

Mulheres independentes e ligadas às práticas naturais foram perseguidas, aprisionadas e acusadas de flertar com o Diabo. Sob tortura confessavam os mais odiosos pecados, desde o assassinato e antropofagia de crianças até orgias sexuais em cirandas sob o luar, ornamentadas por fogueiras e adereços místicos. Eram então julgadas, condenadas e queimadas vivas em agonia, oferecidas em perdão como para aplacar a ira divina e mitigar a peste. Muitos relatos dos momentos finais das infelizes levavam a conjurações e

amaldiçoamentos que aterrorizavam os que presenciavam as atrocidades. Os aldeões não imaginavam o que estavam prestes a libertar...

IV) INICIAÇÃO

Daciana voltou gradualmente à consciência. Sua cabeça ribombava em forma de dor. Filetes de sangue escorriam sob suas narinas e punhos. Imagens violentas voltaram-lhe à mente: de como havia sido arrancada de sua cama, puxada pelos cabelos e atirada ao chão sob socos e pontapés de covardes encapuzados e munidos de tochas flamejantes.

Sua mente divagava. Não entendia o motivo de tanto ódio contra ela própria. Muitos de seus vizinhos de localidade haviam perecido, tomados pelas chagas da peste. Suas ervas e poções ajudavam a confortar e a minimizar a dor dos pobres moribundos em seus instantes finais. Ela mesmo aguardava o momento em que os miasmas a tocariam.

Ecos distorcidos de suas lembranças surgiram: arrastada que foi até uma carroça com grades de madeira; crucifixos postados contra seu rosto; xingamentos e pedradas havia recebido; pessoas que conhecia e havia ajudado ali estavam a vociferar contra ela; silvos e zunidos; lembrou-se de ter perdido a consciência ao ser rispidamente atirada à cela puxada por um par de equinos.

Com a visão e os sentidos retornando, aos poucos discerniu que vestia uma túnica malcheirosa por sobre o corpo voluptuoso e percebeu no peito uma grande cruz vermelho-carmim, ainda com sinais de que acabara de ser pintada. O pentagrama tatuado no ombro direito fora arrancado, e o local ardia em carne viva.

Percebeu finalmente que estava acorrentada a um tronco de madeira, no interior de um porão fétido, exalando urina de ratos. Os raios prateados da lua cheia se insinuavam por uma pequena abertura no alto do calabouço, trazendo gritos de ódio e aflição, entremeados à fumaça e ao cheiro de carne queimada, que logo inundaram seus sentidos.

Já plenamente desperta, Daciana desesperou-se com a prisão... um choro convulsivo seguiu-se. Longos minutos até o cessar total. Não houve testemunhas no interior da masmorra para relatar o que se passou após o silêncio. Gradualmente lembrou-se das

misteriosas palavras finais de sua avó Ragana. Seus olhos opacificaram-se. Salivou intensamente e sussurrou com voz rouca e satânica:

— Incantatrix, maleficus, vanitatis, afflictorum, daemonium... Invocationi...

Cinco execuções de camponesas hereges, acusadas de bruxaria, foram consumadas naquela fatídica noite. As fogueiras ainda crepitavam, quando gritos de horror e fuga em massa dos presentes seguiram-se à aparição de uma diabólica criatura: uma aberração em forma semi-humana, com estranhos apêndices dorsais semelhantes a asas de morcego, emergiu daquela maligna conjuração. Testemunhos diziam de corpo em levitação; cabeleira vermelha esvoaçante a emoldurar os olhos de uma intensa negritude; grunhidos e uivos grotescos; face crispada em espasmos coléricos. Nunca antes o mal assumira contornos tão ameaçadores.

Foi então que muitos miseráveis tiveram os pescoços quebrados de forma inexplicável. Outros caíram ao solo, acometidos de abalos musculares e intensa salivação. Palavras roucas e sem sentido ecoaram dos lábios dos infelizes. A luminosidade da Lua foi repentinamente ofuscada por uma massa de nuvens escuras e um trovejar constante perdurou por várias horas. Os cadafalsos ruíram.

Gargalhadas guturais ecoaram por toda a madrugada. A alvorada surgiu tardiamente e revelou cenas apocalípticas: junto aos corpos pestilentos se reuniam inúmeros outros ainda frescos, em última expressão de absoluto pavor estampado em seus vítreos olhares. Jamais se vira tamanha devastação. Os moradores arrependidos choravam e suplicavam por perdão, que decerto não viria...

A notícia do estranho desaparecimento de Daciana espalhou-se rapidamente por toda a Morgônia. As perseguições e execuções de jovens pagãs cessaram. Igrejas foram demolidas. Cristãos foram responsabilizados. A prometida cura não viera. A peste continuou a ceifar muitas vidas, e por muitos anos. A fome se intensificou. Dezenas de moradoras da região haviam sido inutilmente flageladas e sacrificadas. A vã esperança calcada no vil martírio, dado o seu grau de crueldade, terminara por invocar o que se revestia de mais maligno, há tanto tempo contido e silenciado.

A macabra consequência passou a ser a audição frequente de demoníacos ganidos noturnos, que passaram a fazer parte do imaginário e a assombrar a todos os que teimaram em sobreviver. Entre os grunhidos alguns caminhantes apavorados relatavam ouvir um chamado recorrente:

— Beleth... Beleth... Beleth...





APRESENTAMOS O CONTO

Estrada de ferro

POR IDICAMPOS

Uma viagem pela Estrada de Ferro Rio D'Ouro, passando do fim do império aos nossos dias, ilustrado por um caçador da região...

Idicampos é Professor de português-literaturas, pós-graduação em Formação de Leitores; contos e poemas em jornais, revistas e coletâneas.

Piuiii... Piuiii... Piuiii... Vai, volta, sem revolta... Piuiii... Piuiii... Piuiii...
P Ensurdia o trem da Estrada de Ferro Rio D'Ouro, estabelecido por estas bandas para matar a sede da capital do império com as águas

do rio D'Ouro.

Os trabalhadores que sonhavam com o futuro, com o século XX, além de construir a ferrovia, povoaram a região.

As doenças tropicais, desconhecidas da ciência europeia da época, torturavam a gente do pedaço, sendo a malária a mais agressiva.

O tempo passou feito poeira no rosto, incrustando a herança do barro nas estradas do entorno.

Ficou a sede da estação Adrianópolis — agora botequim — verde de todos os lados, berçário da Mata Atlântica.

Dionérico — filho de Diógenes que caçava pensamentos — frequentador assíduo do bar da estação, caçador desde menino, conhece a mata na palma da mão; bebia sua cachacinha, no fim da tarde, quando foi interpelado por uma pergunta:

— Qual a diferença entre a onça e o tatu?

— O tatu entra no buraco, a onça sai correndo atrás de ti.

— Conversa de avestruz, levante a cabeça, conta outra.

— Rapaz! Ontem dei de cara com a onça, a fera rodopiou e saiu miando...

— Então! Esta nem te respeita; logo ali, uma me avistou, trazia um porco do mato na presa, tentou fugir, porém, acuada, dividiu o suíno comigo.

— Mentiroso! Longe daqui, uma légua, tem um tatu com o meu nome tatuado no casco.

— Firula! Ontem, abati cinquenta animais.

— Onde estão as caças?

— Na geladeira, claro!

— Compadre, aumenta, nunca inventa!

Riram perdidos nas histórias de caçador, os dois amigos: de um lado Dionérico, famoso contador de lorotas; do outro, também caçador, Quileu, escritor do Grupo Aleatórios!

Dionérico pagou a bebida, empenhou-se na floresta. A lua cheia clareava o caminho, era dia de caçador, os animais haviam perdido a proteção ambiental...

Persegue na frente, procura atrás, atira do lado direito, acerta do lado esquerdo; desta feita, chegará, em casa, com as mãos vazias...

A madrugada, senhora do pedaço, arrasta o manto escuro; expulsa com seus mistérios o homem da Mata Atlântica.

Desiludido, Dionérico sai em retirada, quando uma voz escondida nas folhas do Pau Roxo interrompe o silêncio:

— Dionérico! Tenho a fórmula da vacina contra a malária! Gritava o espírito da natureza.

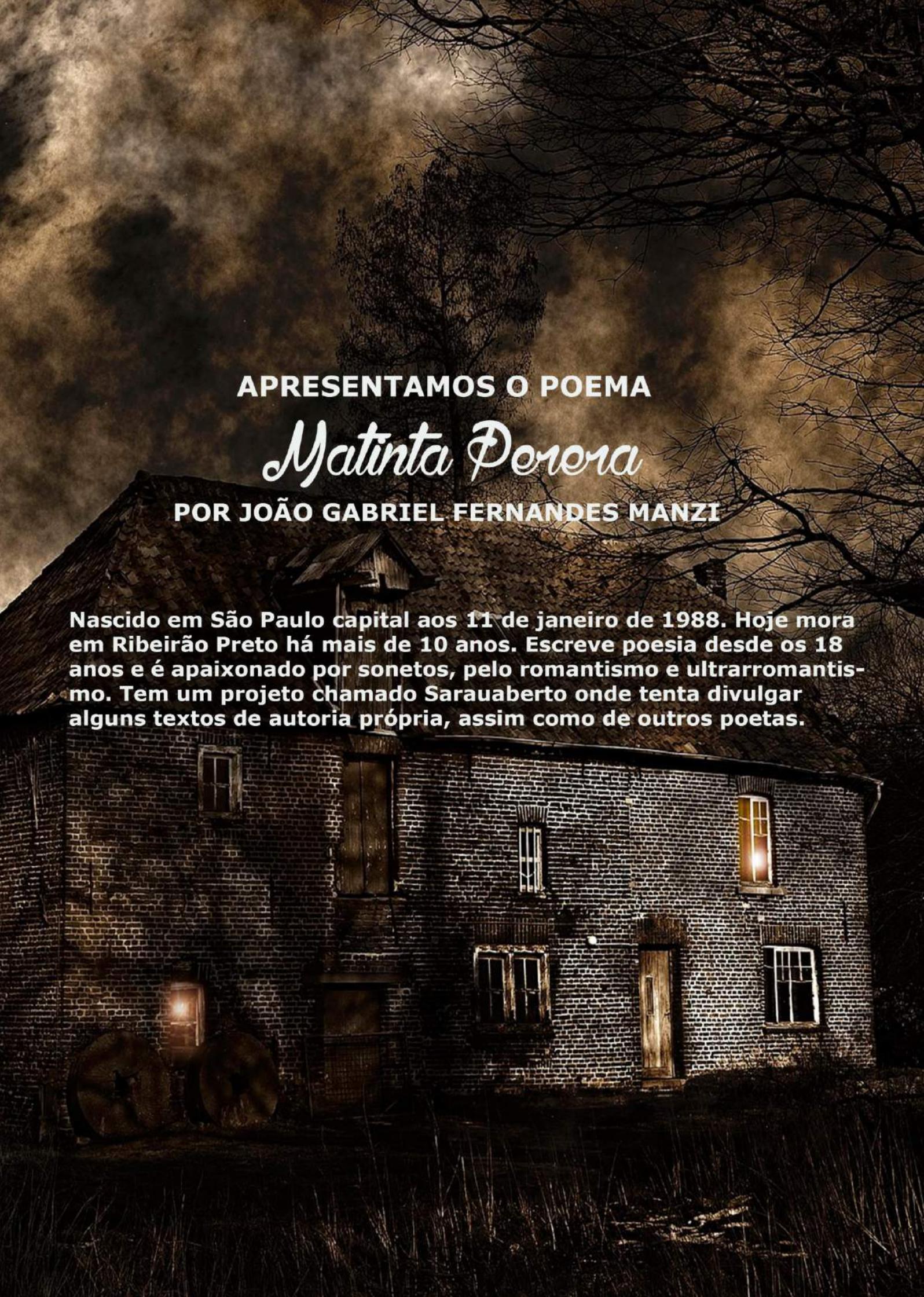
O cara tinha medo até da sombra, caiu duro na hora.

Acordou com o Sol queimando o rosto; face aos acontecimentos — recapitulou — lembrou-se da continuidade da mensagem: o fantasma da mata garantia a erradicação da doença a quem fosse verdadeiramente honesto.

Queridos leitores, ainda hoje — não se deixe enganar — no centro da Praça de Adrianópolis, há uma lanterna acesa, todas as noites...

Os antigos moradores juram ser Dionérico, iluminando o caminho, a procura de honestidade...





APRESENTAMOS O POEMA

Matinta Perera

POR JOÃO GABRIEL FERNANDES MANZI

Nascido em São Paulo capital aos 11 de janeiro de 1988. Hoje mora em Ribeirão Preto há mais de 10 anos. Escreve poesia desde os 18 anos e é apaixonado por sonetos, pelo romantismo e ultrarromantismo. Tem um projeto chamado Sarauaberto onde tenta divulgar alguns textos de autoria própria, assim como de outros poetas.

A lua amostra.
No alto escuro céu.
Em cima do telhado,
o assobio sem véu.

Adentro da escuridão,
mais assobios, e os passos pesados,
um bater de asas intenso,
que os galhos voam dispersados.

E os assobios atormentam,
insistindo em quebrar o silêncio.
Assobios que parecem trazer trevas.
Mas não pago de “jumêncio”.

O luar sombrio.
Se agita no teto.
Com o terço na mão, mais assobio,
exausto me ponho a gritar.

Volta amanhã Matinta!
Terá teu tabaco.
Volta amanhã Matinta!
Terá tua cachaça.

O assobio cessa,
Com um bater de asas,
o bicho some na floresta.
O medonho pássaro some de pressa.

Pássaro agigantado,
de penas negras,
garras longas, bico curvado,

pele enrugada e a cara de bruxa.

Ao amanhecer.

Matinta Pereira, aqui tua cachaça.

Cumpro o combinado.

Meu lar quero livre de desgraça.

Matinta Pereira, aqui teu tabaco.

Vai-te embora velha senhora.

Deixa este homem já perturbado.

Matinta, cumpro o combinado.

E a velha encurvada,

segue caminhando pela mata,

gritando a quem queira responder.

Quem quer? Quem quer? Quem quer?

Ai de quem responder, que quer.

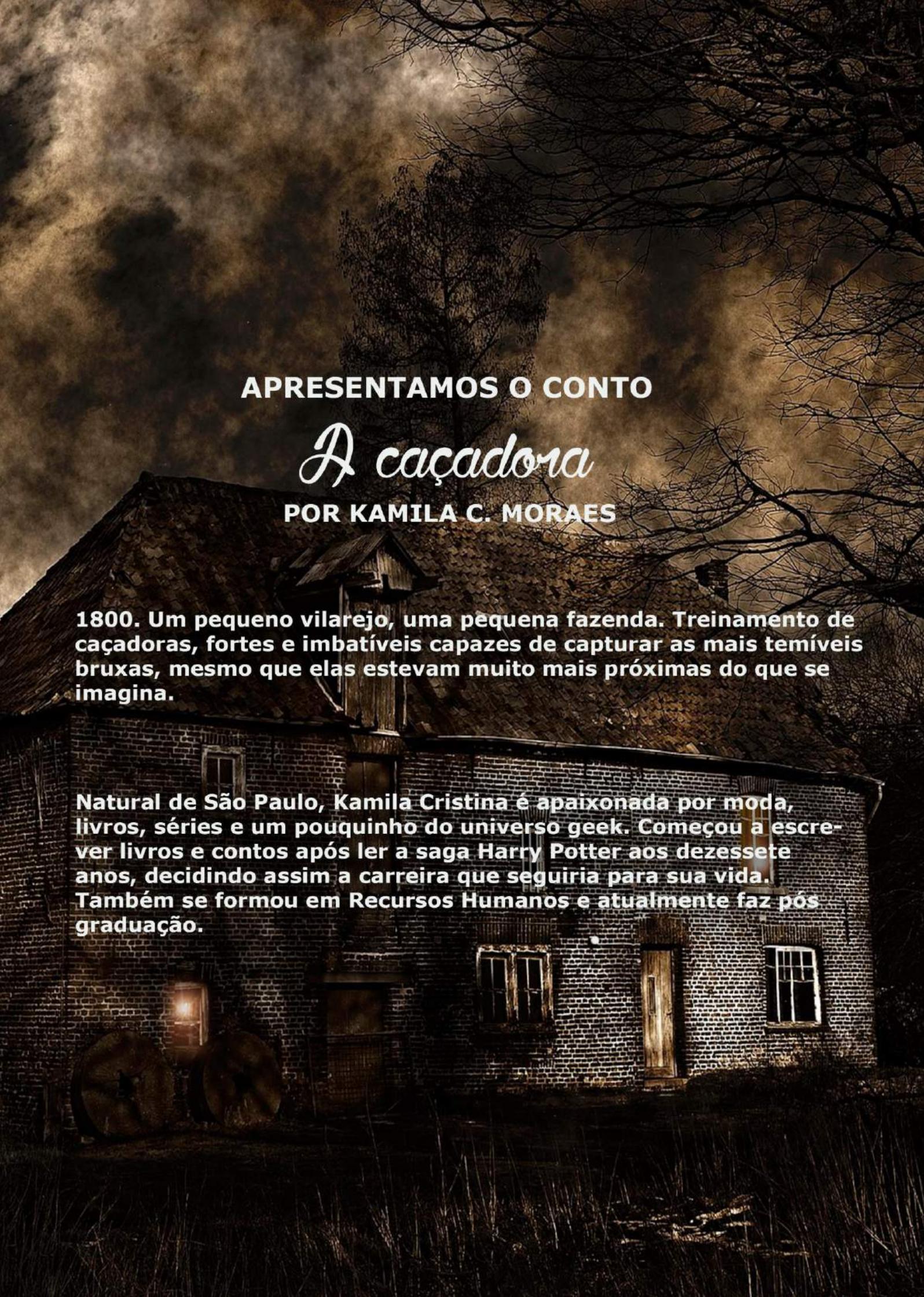
A moça tomará a sua sina.

E outra Matinta nasce ao anoitecer.

E os assobios assim continuarão.

Quem quer? Quem quer? Quem quer?



The background of the entire page is a dark, atmospheric photograph of a brick building at night. The building has a gabled roof and several windows, some of which are illuminated from within, casting a warm glow. The sky is filled with dark, swirling clouds, and the silhouettes of bare trees are visible against the light. The overall mood is mysterious and slightly ominous.

APRESENTAMOS O CONTO

A caçadora

POR KAMILA C. MORAES

1800. Um pequeno vilarejo, uma pequena fazenda. Treinamento de caçadoras, fortes e imbatíveis capazes de capturar as mais temíveis bruxas, mesmo que elas estevam muito mais próximas do que se imagina.

Natural de São Paulo, Kamila Cristina é apaixonada por moda, livros, séries e um pouquinho do universo geek. Começou a escrever livros e contos após ler a saga Harry Potter aos dezessete anos, decidindo assim a carreira que seguiria para sua vida. Também se formou em Recursos Humanos e atualmente faz pós graduação.

Monsenhor... Estou fazendo da forma correta?

— Está sim, minha filha, na verdade está além de correto, está magnífico.

— Um grito brutal atravessou a sala enquanto Katherine arrancava o pecado da bruxa. Era sua primeira, estava nervosa, a mulher implorava para que ela não fosse morta, mas não havia como perdoá-la, com sua mão direita colocou a mão sobre o rosto da mulher de cabelos bagunçados, sentiu a marca em sua mão queimar, mas o monsenhor já tinha lhe dito que doeria, mas era a dor da purificação. Ela olhava o homem sorrindo, fazendo um leve sinal para que prosseguisse. Os míseros segundos pareceram passar mais lentamente, Katherine sentia o suor de seu esforço, mas estava longe de desistir, o pecado envolvia sua mão como uma neblina esverdeada enquanto os olhos da mulher perdiam a cor se tornando globos brancos sem vida. Finalmente tudo tinha acabado, Katherine estava afoita, apesar do esforço para não demonstrar ao Monsenhor, o homem que ela via como pai, que tinha criado ela, lhe dado um propósito. Ele se aproximou dela com o pequeno frasco de vidro permitindo que o pecado fosse removido de suas mãos. Eles saíram da pequena casa dando de frente com um pequeno grupo de aldeões que caminhava ansiosamente. O homem saiu a frente, exibindo a esfera impregnada.

— Estão livres da bruxa! — Gritou ele, sendo rapidamente aplaudido.

Eles subiram no cavalo à frente enquanto o pequeno grupo os acompanhou por alguns minutos. Não iriam muito longe, sua residência era alguns metros longe do centro, longe de onde estavam, no campo. Uma fazenda onde mulheres devotas como ela viviam, todas adotadas pelo monsenhor.

Também foram aplaudidas quando chegaram, era um marco na vida da garota, seu comportamento exemplar e seu treinamento árduo tinham feito a mais jovem caçadora da história. Ainda melhor quando desceu do cavalo tinha que dar tantos abraços que ficaria horas ali se não tivesse sido interrompida.

— Minha querida — Começou o monsenhor. — Deve descansar — Ela pensou em protestar. — É uma ordem.

Katherine agradeceu sem resmungar e seguiu para o seu quarto. Ela não conseguia parar de pensar no frasco. Ela sabia que aquilo era apenas a personificação do mal, um animal que não tinha consciência. Entrou em seu pequeno quarto, cada uma das garotas tinha um, todos com uma cômoda e uma cama, ambos de madeira, luxo não era permitido, trazia cobiça e ganância.

Antes de ser caçadora, Katherine trabalhava no jardim e como combinado quando não estava atrás de alguma bruxa tinha que ajudar na manutenção da fazenda, então após um descanso merecido seguiu até as rosas que pareciam precisar de cuidados extras. Apenas ela fazia isso.

Quando finalmente tirou os joelhos da lama viu que sua irmã Jocelyn estava parada próxima à cerca.

— Só estou aqui para avisar que o Monsenhor foi atender um chamado de emergência e levou a irmã Isabele com ele.

Ela ficou chateada, achou que devido ao seu bom desempenho seria chamada novamente, secretamente ela queria alcançar os números da irmã que estavam chegando aos 47. Um recorde.

— Tudo bem — Ela voltou sua atenção para o jardim enquanto a irmã se afastava, logo se viu sozinha novamente.

Achou que ficaria assim por um longo período, mas não demorou para avistar uma garota que seguia em direção as cercas da fazenda, ela estava suja de sangue, parecia assustada, Katherine sentiu no dever de ajudar. Se aproximou da garota.

— O que houve? — A garotinha não parecia ter mais do que dez anos.

— Minha mãe, ela...

O correto seria que chamasse a primeira imediata, mas aquilo era um emergência, não? Passou pela cerca que os separava e seguiu a garota floresta adentro.

Não demorou para que vissem, uma casinha no meio da floresta, que apesar da forma rústica ainda era muito bonita, cheia de flores e pássaros. Katherine se aproximou da porta pensando que encontraria uma mulher agonizando, mas ao contrário, a mulher sorria e cantarolava enquanto tentava limpar o sangue que escorria no chão.

— Querida, onde esteve? — Perguntou a mulher, rapidamente ela olhou para Katherine, surpresa. — Oh!

— Eu fui buscar ajuda — A menina correu para abraçar a mãe aos prantos.

A caçadora começou a perceber alguns detalhes: o sangue, o cabelo desalinhado, os frascos organizados na estante, isolamento na floresta.

— Ah, certo, peço desculpas pela preocupação — Ela tentou se aproximar.

— Como se curou? — Ela reconheceu os sinais e sabia o que tinha que ser feito. A mulher parecia confusa no começo, mas ainda demonstrava gentileza.

Katherine retirou a luva que protegia sua mão e grudou no rosto da mulher tentando repetir o processo, ela sentia que estava conseguindo, quando percebeu que a neblina que envolvia sua mão não era esverdeada, era branca. Isso a assustou fazendo com que não concluísse o processo, voltando correndo para a fazenda.

Ela não falou com ninguém, ninguém questionou sua aparência pois sabiam que sempre voltava maltrapilha dos jardins. Ela não contaria sobre sua falha, tomou um banho seguindo toda sua rotina e pôs-se a esperar o monsenhor para contar-lhe o que tinha acontecido. E esperou... Chegou a ouvir suas irmãs recolherem, mas mesmo assim nada de seu pai aparecer. Quando a Lua já estava no alto decidiu que iria até o quarto do homem acreditando que finalmente havia chego. Foi até o fim do corredor onde havia uma escada que dava acesso a porta do quarto. Bateu uma vez, esperou. Bateu a segunda, mas não obteve resposta. Quando bateu pela terceira vez percebeu que a porta não estava tão bem fechada e por curiosidade acabou entrando no local. O quarto do monsenhor era diferente de todos, a cama, dourada, sacos de moedas enormes estavam na lateral, caindo pela quantidade. Ela sabia que eram pagos pelos serviços, mas o monsenhor repassava o valor para os mais pobres, o guarda-roupa do lado oposto exibia roupas de seda, peles, roupas que Katherine jamais achou que colocaria a mão, mas o que chamou mais a atenção foi a outra porta que emitia vozes. A curiosidade fez com que ela entrasse, mas nem de longe ela estava preparada para aquilo: todos os frascos estavam ali, os das prateleiras mais altas tinham frascos vazios, enquanto as do meio ainda estavam esverdeadas, ela chegou a se aproximar, reconhecendo sua primeira conquista. As duas prateleiras ao centro eram diferentes: em cima pequenos frascos esverdeados, abaixo as mesmas luvas que o monsenhor presenteava suas caçadoras. Katherine pegou uma luva notando a diferença de peso e estava admirando seu pai quando ouviu alguém se aproximar. Não queria ser punida então aproveitou as cortinas que decoravam a parte debaixo da estante.

O monsenhor parecia não ter percebido que alguém entrou em seu quarto. Entrou, tirou os sapatos, tirou parte de sua roupa e foi até sua sala secreta. Esse processo era tão rotineiro que já o fazia automaticamente. Katherine percebeu que o monsenhor tinha entrado e por

curiosidade, colocou apenas um olho para fora. O homem estava de costas, mas mesmo assim ela conseguiu ver o homem se aproximar da estante, do lado oposto que estava, para sua surpresa ele virou como se estivesse bebendo água, mas isso não foi tudo: conforme o fazia não somente sua pele assumiu o tom e um rosto surgiu em vários pontos da sua pele como se estivesse tentando escapar, nesse momento a caçadora acabou soltando um grito tão alto que chamou a atenção.

Pai e filha se encararam, antes dela ter os cabelos puxados pelo homem. Ele a colocou de pé, parecia surpreso e decepcionado.

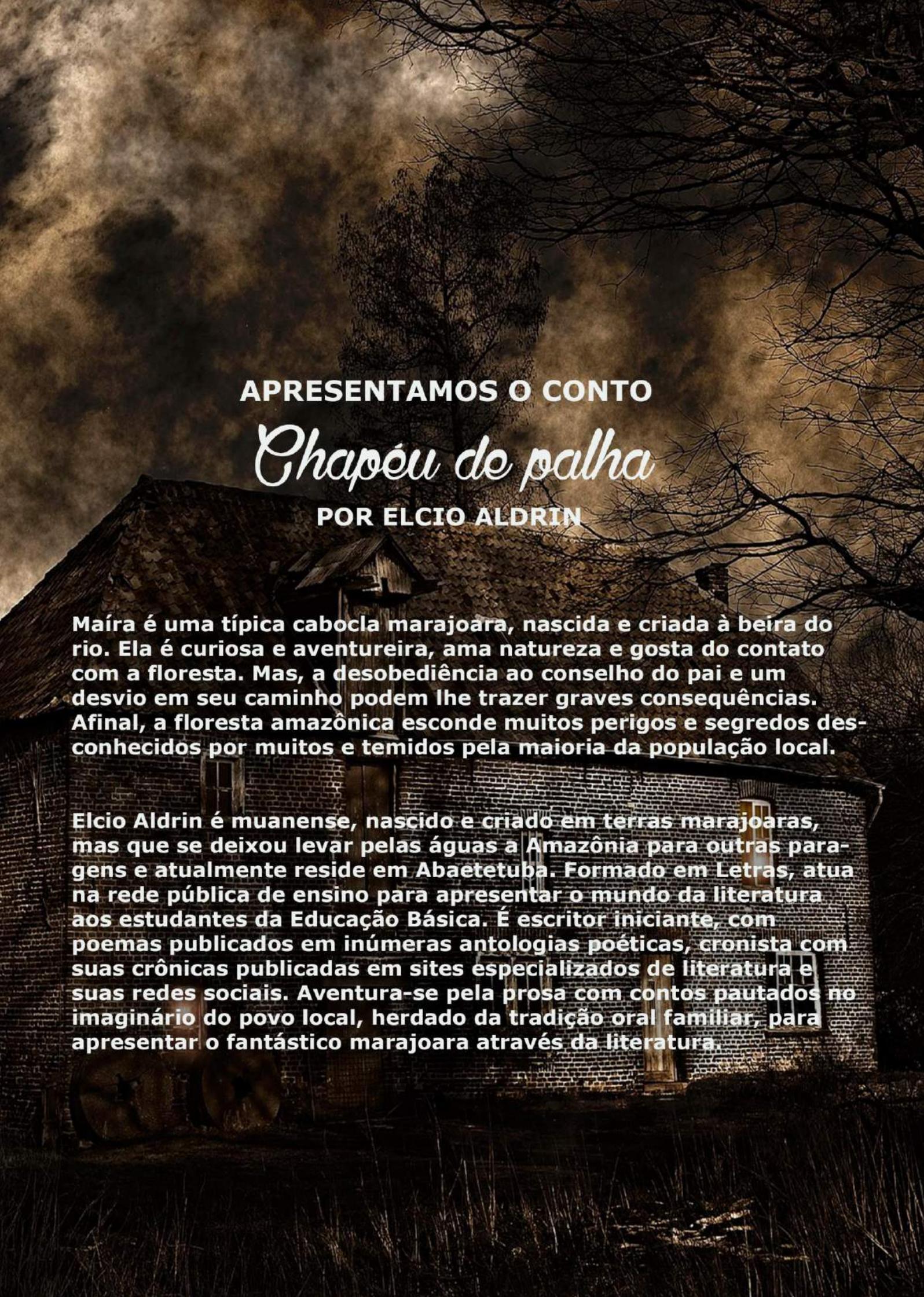
— Minha filha mais honrada, mais talentosa, tão decepcionante... Lamento querida, de verdade, mas você não está pronta para isso.

Ele colocou a queimadura sobre a testa da garota. Katherine sentiu uma dor descomunal que a fez gritar, não como as almas que o monsenhor tinha consumido, mais alto. Jocelyn foi a primeira a entender o que estava acontecendo, correu até o monsenhor e o chutou, ele se virou para ela mudando seu alvo. Katherine sentia que sua energia tinha sido sugada, sua visão estava turva e suas pernas moles, ela pensou em desistir por alguns segundos, então seu remorso foi substituído por raiva e mesmo com dificuldade ela entendeu o que tinha que fazer. Ela pulou nas costas do monsenhor, grudou sua mão sobre a testa do homem e começou a tirar alma por alma. O homem lutou, tentou socá-la, mas percebendo ser inútil acabou empurrando contra a parede repetidamente até que ela finalmente soltou. Caída Katherine ainda olhava para os lados pensando em uma forma de evitar a própria morte, mas não havia nada ali que pudesse ser usado como arma. O homem a levantou novamente, queria mantê-la em pé enquanto a matava, sempre odiou a forma como as pessoas se ajoelhavam e imploravam pela vida. Katherine então teve uma ideia louca: quando o monsenhor puxou seu cabelos, em uma manobra louca que nem mesmo ela entendia, o mordeu com toda a força que tinha. A primeira alma atravessou seu corpo em questão de segundos, ela se sentiu rapidamente mais forte, depois a segunda e depois a terceira. O homem se esforçou para tirá-la, mas conforme se sentia melhor o mesmo não podia se dizer de seu pai, definhando aos poucos até se tornar pó. Jocelyn finalmente tinha recobrado a consciência, mesmo com as pernas cambaleando correu em direção a irmã e a abraçou. Katherine não se lembrava quando foi a última vez em que uma das irmãs lhe abraçou, correspondeu com lágrimas nos olhos, afundando sua cabeça nos cabelos da morena enquanto sua mão subia das costas para a testa. Tinha sobrado

apenas uma parte de Jocelyn para sugar, o processo todo não levou mais que alguns segundos, ela até duvidava que tivesse sentido algo.

Katherine se vestiu tranquilamente e começou a descer as escadas, ela tinha mais sete pecadoras para purificar deste mundo.





APRESENTAMOS O CONTO

Chapéu de palha

POR ELCIO ALDRIN

Maíra é uma típica cabocla marajoara, nascida e criada à beira do rio. Ela é curiosa e aventureira, ama natureza e gosta do contato com a floresta. Mas, a desobediência ao conselho do pai e um desvio em seu caminho podem lhe trazer graves consequências. Afinal, a floresta amazônica esconde muitos perigos e segredos desconhecidos por muitos e temidos pela maioria da população local.

Elcio Aldrin é muanense, nascido e criado em terras marajoaras, mas que se deixou levar pelas águas a Amazônia para outras paragens e atualmente reside em Abaetetuba. Formado em Letras, atua na rede pública de ensino para apresentar o mundo da literatura aos estudantes da Educação Básica. É escritor iniciante, com poemas publicados em inúmeras antologias poéticas, cronista com suas crônicas publicadas em sites especializados de literatura e suas redes sociais. Aventura-se pela prosa com contos pautados no imaginário do povo local, herdado da tradição oral familiar, para apresentar o fantástico marajoara através da literatura.

Maíra apanha as últimas flores de mururé para decorar seu chapéu feito de palha de coqueiro que ela mesma pintou com o tom mais berrante de vermelho, utilizando a tinta extraída do urucum que colheu no terreiro de sua casa. Hoje, ela vai visitar sua avó que mora nas cabeceiras do Rio Paritauá. Sua mãe fez doce de miriti com as frutas coletadas na vazante da maré. Ela sempre manda guloseimas para velha senhora que vive isolada na tapera mais distante da foz do rio.

Matriarca de 12 filhos, a anciã se recusa a deixar o lugar onde viveu por toda a sua vida para ir morar na cidade, onde seus filhos residem. O pai de Maíra foi o único que se recusou a mudar para a cidade e se encarregou de cuidar da mãe. Do alto do açazeiro, ele grita para a filha se apressar:

— Maíra! Sai já da água e vai levar o doce pra sua vó.

A menina olha para cima e vê o pai cortar o cacho de açai com exímia destreza e descer escorregando pelo tronco até o chão com uma rapidez invejável. Ele já tem sete rasas cheias do fruto no terreiro. Logo mais o barqueiro aporta no trapiche de madeira para levar o produto que é a principal fonte de renda da população local. Parece que hoje ele não vai acompanhar a filha até casa da avó.

Alguns minutos depois de sair da água, Maíra está pronta para levar o doce para sua avó. Só falta colocar o chapéu de palha feito pela sua mãe. Artesã que tece os mais variados utensílios com palha de coqueiro e outros materiais naturais, como a fibra do tururi e do miriti e a palha do ubim. Ela se despede da mãe estendendo-lhe a mão e pedindo a benção. Em seguida corre até o terreiro e faz o mesmo gesto para seu pai. Ele abençoa a filha recomendando-a:

— Não vai abeirando o igarapé que com a cheia da maré desceu muito bicho grande pra água. Pode ter sucuri, jacaré açu e pirarara, conhecida por muitos como tubarão de água doce.

A menina sacode a cabeça em tom afirmativo. Mas, assim que some da vista de seus pais deixa a trilha que leva à casa da avó pelo campo, que apesar de ser mais perto não é atraente para a garota. Ela prefere caminhar pela margem do rio para juntar frutas trazidas pela maré como taperebá, jambo e tucumã. Assim ela faz e acaba esquecendo-se da hora quando enxerga uma árvore carregada de jambos maduros.

Só depois da viração do dia ela se lembra dos doces e sai correndo pelo caminho com a cesta na mão. Mas, algo chama sua atenção. De repente, o vento deixa de balançar as folhas nos galhos mais baixos. Os pássaros e insetos emudecem silenciando a floresta.

Um frio sobe pelas suas pernas e a menina paralisada não consegue dar mais um passo. É quando um assóvio estridente ecoa por entre as árvores.

Depois de refeita do susto, Maíra volta a caminhar apressada pela trilha. Alguns passos a mais e ela percebe que alguém a acompanha pela trilha. Uma sombra se alonga cobrindo a garota como um véu negro escurecendo a luz fosca do sol que penetra esparsamente pela folhagem das árvores mais altas.

Uma mão fria como o gelo toca na sua e ela olha para aqueles dedos longos, a mão enrugada, os braços frágeis e aqueles olhos vidrados contemplando o vazio à frente.

— Minha neta. Estou longe de casa. Você pode me acompanhar?

A garota gaguejou uma resposta sem saber se sentia alívio ou temor daquela figura que a surpreendeu.

— Si-sim...

A anciã reinicia sua caminhada, agora segurando o braço da garota. Depois dos primeiros passos ela começa a fungar como um animal farejando o ar. Passa a língua entre os lábios e comenta:

— Sinto cheiro de doce. O que você traz nessa cesta?

A pergunta faz Maíra lembrar seu objetivo inicial. Levar a cesta de doces para sua avó.

— São doces para minha vó. O sol já virou e logo vai escurecer. Tenho que me apressar.

Porém, a senhora não estava disposta a se desfazer dessa companhia. Ela segurou o braço da menina com mais força e tomou um caminho sem trilhas quase arrastando a garota que começa a travar uma batalha para desvencilhar-se da mão que apesar de parecer frágil demonstra força desproporcional.

Maíra se vê em apuros sendo quase arrastada pela velha que agora parece maior e é visivelmente mais forte do que aparenta. Os braços vão inchando como se fossem balões sendo soprados, o corpo curvado pela idade vai dando lugar a uma postura austera, os cabelos brancos começam a enegrecer, e a face senil rejuvenesce como num passe de mágica.

Sem poder fugir, ela começa a jogar as flores que decoram seu chapéu pelo chão para não se perder. Depois de alguns minutos de caminhada a menina dá por si diante de uma clareira com uma oca no centro com paredes e teto de palha. Nesse momento, ela começa a lembrar dos detalhes presentes nas estórias que seu pai contava sobre a

Matinta Pereira. Essa personagem folclórica é famosa pelo seu assovio de arrepiar e a mania de pedir tabaco aos andarilhos.

A mulher que agora aparenta ter meia idade se vira com um sorriso maroto e convida a garota a entrar na habitação indígena.

— Entra, minha neta.

A menina ainda trêmula de medo dá alguns passos tímidos em direção à entrada quando é empurrada pela mulher caindo de joelhos no interior da moradia rústica. Ao levantar os olhos ela vê que há uma abertura no teto iluminando o interior. Ao seu redor vários utensílios estão dispostos pelo chão.

Ela identifica mochilas de viagem, garrafas de vários tamanhos, roupas dispersas pelos cantos e no centro um grande tacho de barro sobre carvão e lenha. Ao se virar para a porta vê a única saída sendo obstruída pela mulher. Com uma voz rouca ela fala:

— Todos os meus convidados deixam presentes. O que você tem pra me dar?

A garota estende a cesta e a deixa cair alguns passos diante da mulher que se abaixa e abre o primeiro pote de doce.

— Parece delicioso. Mas, isso não é o bastante. Quero sua juventude!

De repente, ela dá um sorriso demorado que vai se transformando numa gargalhada estridente revelando dentes afiados que saltam para fora da boca.

— Vou sugar todo o seu sangue.

Depois dessa afirmação, ela salta sobre a garota que usa suas mãos para se defender. Mas, é inútil e só lhe resta gritar por socorro para que alguém escute. E isso acontece!

Quando Maíra percebe, a mulher é jogada violentamente contra a parede da oca e a sombra de alguém surge diante da garota toda ensanguentada. O vulto lhe estende a mão e ela reconhece a voz de seu salvador:

— Maíra, minha filha. O que aconteceu com você?

O pai abraça a filha demoradamente e a carrega em seu colo para fora da moradia. O sol está se pondo e escurecendo a mata fechada. Ele deita a criança ao pé de uma árvore próxima e se vira para vingar o ataque. Mas, não é uma pessoa que sai da oca e sim um pássaro gigante que assovia tão alto que chega a estremecer a terra. O pai agarra o crucifixo que trás preso a um cordão em seu pescoço e joga o facão como uma seta em direção a ave que já levanta voo.

A arma acerta em cheio o coração da ave que cai a poucos metros distante de onde eles se encontram, transformando-se novamente em gente. As penas das asas vão se cravando sob a pele e surgem mãos, depois dedos nas extremidades. As pernas crescem e ganham contornos humanos. A penugem do corpo revela ser um manto negro que encobre o corpo da Matinta Pereira. O bico diminui de tamanho até ficar no formato de um nariz, os olhos estreitam-se, a boca se revela e o assóvio se transforma em súplica:

— Meu filho! Por que você fez isso comigo? Eu só queria mais alguns anos de vida e sua filha daria isso para mim.

O homem começa a reconhecer aquela voz. Ao se aproximar do corpo quase inerte no chão reconhece os traços faciais de sua mãe. Ele se abaixa e ouve suas últimas palavras.

— Eu vou morrer. Mas, minha maldição vai recair sobre sua descendência.

O homem retira o facão do peito da criatura e ela solta seu último suspiro. Antes de partir ele pega o chapéu de palha e taca fogo na maloca que arde rapidamente com o corpo da Matinta Pereira dentro. Depois ele caminha até sua filha e a carrega em seu colo para longe dali pela trilha que a garota fez com as flores de mururé.

Fim?





APRESENTAMOS O CONTO
*O dia em que as artes
quase morrem*
POR ALESSANDRO MATHERA

Literatura. Pintura. Escultura. Música. Dança. Teatro. Cinema. Fotografia. Quadrinhos. Artes clássicas e modernas, todas representando os sentimentos da humanidade. Sua existência e de seus criadores está ameaçada por uma poderosa bruxa e seu feitiço de ressurreição. Acompanhe a batalha para impedir o retorno de um grande mal e o sacrifício das expressões da alma humana.

Alessandro Mathera é formado em escrita profissional, criativa e de contos, e já teve suas histórias publicadas em diversas antologias temáticas. Também é servidor público na área de tecnologia da informação.

Mãe, cadê você?
— Estou na cozinha, filho. Por que essa cara de assustado?
— O Oráculo está emitindo uma luz vermelha lá no seu quarto.

— Eu já esperava por isso, filho, desde dois dias atrás quando noticiaram a morte daquele cantor que eu te falei, Jim Morrison. Acho que precisam de minha ajuda novamente.

— De novo? Eu não quero ficar sem você, mãe!

— Não se preocupe. Você sabe que eu sempre retorno. Agora, me espere lá no seu quarto que eu já volto.

Inicialmente tive esperança de que esta seria apenas uma noite normal de segunda-feira após voltar do trabalho e pegar meu filho na creche. Em vão.

— Oráculo, o que houve? Você assustou o meu filho.

— Desculpe, Alice, mas o Campeão precisa de ajuda. Ele vai falar contigo através de mim.

Nunca tinha visto a esfera de diamante onde habita o Oráculo brilhar tão intensa e nem ouvido ele com tamanho senso de urgência.

— Certo. Campeão?

— Alice, é preciso que você venha à Petra, Jordânia, com o Oráculo, urgente! Não se preocupe com a segurança do seu filho, já estão chegando os meus melhores guardas para ficar com ele. O Oráculo irá teleportá-los.

— Na verdade, eles já chegaram. Vou levá-los ao quarto do meu filho e me despedir. Já estarei aí.

— Seja breve!

O tom da voz de Oráculo já tinha me deixado preocupada, mas ver o Campeão naquele estado de alerta foi mais que suficiente para me assustar: o que deixaria um tigre alado de dois metros de altura daquele jeito?

Trato de me recompor o mínimo necessário para não assustar o meu filho e encontro com três dos guardas do Campeão próximos à porta do quarto dele.

— Filho, veja quem veio te visitar!

— Oba! São os amigos do Campeão! Eles são tigres muito legais! Mas, mãe, você vai ter de ir agora?

— Sim, filho. Mas prometo que volto logo e tudo estará bem!

— Sim, mamãe! Salve o mundo! Eu te amo!

— Eu também te amo, filho!

Depois de um abraço emocionado, volto para meu quarto.

— Alice?

— Sim, Oráculo! Estou pronta! Para Petra, Jordânia, numa fração de segundo!

Apenas um clarão e deixo de estar na minha casa no subúrbio do Rio de Janeiro para sair em Petra, porém eu me deparo com um cenário desolador. O Campeão estava perto de onde aparecemos e corre em minha direção.

— Alice, Oráculo, ainda bem que vocês chegaram!

— Céus! Que nuvem vermelha doentia é aquela? E a mulher sombria ali na porta da Câmara do Tesouro é quem, Campeão?

— Aquela é Maria Rasputin, filha de quem o sobrenome já diz ser, e a nuvem é consequência do feitiço para ela trazer o pai de volta dos mortos.

— Grigori Rasputin!? Mas ele foi morto já fazem mais de cinquenta anos! Qualquer tentativa de trazer alguém de volta dos mortos dispensará muita energia!

— Sim, Alice, e é isso que ela vem fazendo ao longo dos anos: reunindo energia das artes destruídas. O Oráculo vai te explicar depois, Alice. Agora eu e os meus soldados precisamos que você derrube o escudo de proteção daquela mulher antes que aconteça algo pior! Cuidado que ela também é telecinética!

— Certo, Campeão! Deixe comigo! *Scutum perdere* Maria!

— Ótimo! Agora eu posso derrotá-la!

— Cuidado, Campeão, eu ainda sinto poder emanando dela!

Mal eu falo e o Campeão se junta a outros de seus soldados para distraírem Maria Rasputin.

— Não se preocupe com ele, Alice. A magia do Campeão é poderosa o suficiente para lidar com ela e eu preciso explicar o que aconteceu.

— Explique isso, Oráculo, porque eu quero saber como isso se deu.

— Você sabe que são seis as artes clássicas: cênicas, música, literatura, pintura, escultura e arquitetura. A elas se juntaram cinema, fotografia e quadrinhos. Todas elas sofreram ataques de destruição ao longo destes anos e ela recolheu a energia agonizante das mesmas.

— Espera aí, você está me dizendo que ela tirou esta energia toda das artes?

— Sim, Alice. Durante a Segunda Guerra era muito fácil, muitos livros queimados em praça pública, bem como prédios históricos e seus acervos, sem contar a perseguição contra os quadrinhos no pós Guerra. O problema estava em recolher energia da música e da escultura.

— Ou seja, a humanidade e suas guerras forneceram a oportunidade e fortaleceram a magia dela.

Eu paro um instante para ver a luta feroz do Campeão e sua guarda contra Maria Rasputin. Ainda bem que a proteção fornecida pelo Oráculo é mais que suficiente e assim ele retoma sua explicação.

— Continuando, a música deu mais trabalho porque os gostos musicais mudam muito ao longo das eras e energia acaba se transferindo para as mais populares de cada período. O primeiro grande golpe se deu quando caiu o avião que transportava Buddy Holly, Ritchie Valens e J. P. "The Big Bopper" Richardson, tornando aquela data conhecida como o dia em que a música morreu.

— Sim, eu mesma senti as alterações energéticas apesar de pouco experiente.

— Óbvio que a arte música não morreu naquele dia, porém a energia fornecida também foi insuficiente porque outros gêneros musicais estavam surgindo. A solução foi esperar mais alguns anos para prosseguir com a coleta e assim não atrair mais atenção indesejada para si. Daí, Maria criou o que a imprensa está chamando de Clube dos 27: Brian Jones, Jimi

Hendrix, Janis Joplin e, anteontem, Jim Morrison. Foi o suficiente de energia da música para ela atacar a escultura, a que menos energia ela coletou ao longo dos anos.

— E nada melhor do que destruir uma cidade milenar esculpida em pedra para completar o que falta de energia, Oráculo. Como ela pretende fazer...

Do nada eu apenas ouço o baque dela contra o escudo do Oráculo. Mal vi o Campeão arremessá-la e logo ele estava do nosso lado.

— AHH! Que susto, Campeão! Precisava jogar o corpo dela na minha direção?

— Ela não morreu, é mais resistente do que aparenta, mas tão cedo não acorda, e eu precisava de algo duro e resistente para garantir que ela apagaria. Vamos, Alice, não sei se o Oráculo te falou, mas precisamos desarmar uma bomba de hidrogênio dentro da Câmara do Tesouro.

— Uma bomba de hidrogênio? Como essa maluca conseguiu isso? Oráculo?

Eu e o Campeão corremos para dentro da Câmara, ele na frente como se farejasse algo enquanto o Oráculo conclui a sua explicação e ilumina o caminho com sua luz branca.

— Monarquistas infiltrados no exército russo. Devemos nos apressar Alice, pois a explosão causará a coleta da energia da arte da escultura e completará o feitiço, tragando as energias restantes das manifestações artísticas hoje existentes. Com isso, Grigori Rasputin retorna dos mortos e teremos muita destruição e mortos numa nova Guerra Mundial.

— Chegamos! O que eu faço Campeão? Temos menos de um minuto e sinto um campo de proteção mística em torno da bomba!

— Magia de Maria! Acabei de enfrentá-la e sei como removê-la. Para trás, Alice! ROOOAAAR! — e assim a magia dela se dissipou.

— Sim, Campeão, não sinto mais nada aqui e já posso agir. *Lacus parte solis!*

— Sábia decisão, Alice. Do outro lado do sol apenas os cientistas observarão uma explosão solar um pouco diferente.

— Obrigada, Campeão. Agora, temos que resolver aquela nuvem vermelha e Maria.

Voltamos para fora quase tão rapidamente quanto entramos e eu aproveito para pedir mais uma explicação.

— Oráculo, a parte de outra Guerra Mundial eu entendi, mas o que exatamente aconteceria se as energias das manifestações artísticas fossem tragadas?

— Simplesmente mataria todos os demais artistas e as artes remanescentes apodreceriam até virarem pó.

— Que mundo horrível o nosso sem as artes! Felizmente evitamos todas estas tragédias!

Saímos da Câmara e vejo os guardas do Campeão mantendo o cerco em torno de Maria.

— Campeão, bem que você disse: Maria continua desmaiada. Você pode cuidar dela, enquanto eu e Oráculo resolvemos o problema da nuvem?

— Deixem comigo!

— Oráculo, vamos encerrar esta missão: *reditus!*

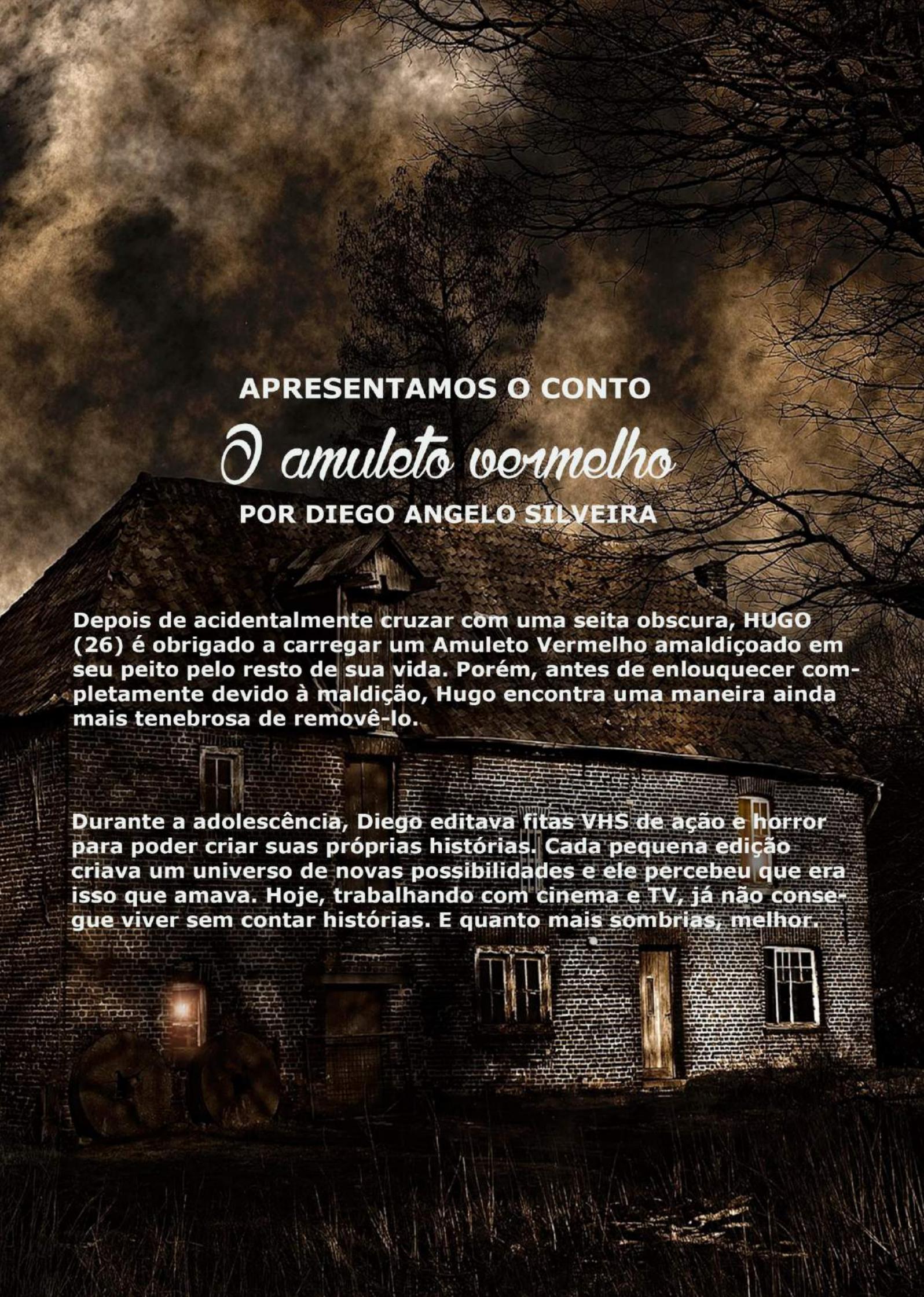
Com isso a nuvem se dissipa em várias direções, as energias de cada arte seguem até os seus pares remanescentes para torná-los mais fortes e resistentes. O céu noturno de Petra se torna limpo e é possível ver novamente o cintilar das estrelas.

— Impressionante como Maria havia recolhido muita energia das artes. Até às construções daqui de Petra ficaram mais reluzentes! E você Campeão?

— Ela está pronta também, já limpei a mente dela e... Rrrrrr... Pronto, transportada para casa. A partir de agora ela vai passar por esquizofrênica. Querem uma carona para casa?

— Sempre vou querer voar com você, meu tigre alado! Sempre!



A dark, atmospheric photograph of a brick house at night. The house is illuminated from within, with light spilling out from several windows and a doorway. The sky is filled with dark, swirling clouds, and a full moon is visible in the upper left. Bare tree branches are silhouetted against the sky. The overall mood is mysterious and ominous.

APRESENTAMOS O CONTO

O amuleto vermelho

POR DIEGO ANGELO SILVEIRA

Depois de acidentalmente cruzar com uma seita obscura, HUGO (26) é obrigado a carregar um Amuleto Vermelho amaldiçoado em seu peito pelo resto de sua vida. Porém, antes de enlouquecer completamente devido à maldição, Hugo encontra uma maneira ainda mais tenebrosa de removê-lo.

Durante a adolescência, Diego editava fitas VHS de ação e horror para poder criar suas próprias histórias. Cada pequena edição criava um universo de novas possibilidades e ele percebeu que era isso que amava. Hoje, trabalhando com cinema e TV, já não consegue viver sem contar histórias. E quanto mais sombrias, melhor.

Nascido em uma família humilde cujo sustento era a caça, Hugo costumava sair com seu pai para a floresta atrás de peles e couro. Por vezes, quando a caça era escassa, Hugo enganava seus compradores afirmando que certos couros que vendia eram de animais mais raros ou até de regiões mais distantes, sendo por isso de melhor qualidade.

A sua perspicácia para comércio era impressionante. Ganhava muitas moedas extras por conta disto, e não pretendia se arrepende apesar das repreensões que seu pai lhe dava ao descobrir que tais negociações irresponsáveis estavam sendo realizadas.

Quando seu pai faleceu, Hugo foi obrigado a sair sozinho para caçar, mesmo não sendo muito apto com o arco e ainda possuindo seus sentidos de caçador bem pouco desenvolvidos.

Um dia enquanto caçava na floresta, viu um movimento no mato e atirou com seu arco. Para sua surpresa, seu alvo foi um homem que caiu morto no chão. Sem saber o que fazer, gritou por socorro e logo mais três pessoas que Hugo nunca havia visto na região surgiram entre a vegetação. Todos vestiam longos vestidos de cor púrpura e negro. Hugo já havia ouvido falar entre os mercadores sobre certas seitas nômades que perambulavam entre as rotas de comércio. As histórias diziam que eles se vestiam com essas cores e faziam rituais obscuros que as pessoas evitavam comentar.

E por infeliz casualidade, Hugo acabara de matar um membro destas seitas. Ele ficou imóvel escutando os outros membros bravejarem perante ele e o cadáver. Uns queriam vingança com sangue, mas uma das mulheres pediu mais. Deu dois dias para Hugo se organizar pois sua vida iria mudar drasticamente. A mulher convenceu a todos que em vez de mais uma morte em vão, o rapaz deveria entregar sua vida a um caminho de martírio. Ela então concluiu que em dois dias eles iriam até sua casa para buscá-lo.

E assim foi. Ao chegarem à sua casa, trouxeram consigo um amuleto vermelho em forma de colar com um rosto em constante tormento esculpido nele. Afirmaram a Hugo que ele iria se tornar um monge para se isolar de outras pessoas. E como penitência pela morte causada, carregaria parte da essência do homem que havia assassinado em seu peito, e que este nunca mais iria deixá-lo em paz desde então.

Ao colocarem o amuleto em Hugo, ele sentiu um calafrio dentro de seu peito e pensou ter ouvido sussurros vindos de trás de sua cabeça. A mulher da seita lhe disse que Hugo jamais poderia retirar o amuleto de seu corpo, ou ele se arrependeria eternamente.

Em seguida ele foi escoltado para um mosteiro da região sem ter direito a levar nenhum de seus pertences, e foi observado a distância até adentrá-lo, lugar de onde nunca mais saiu.

Durante meses, Hugo passou sua vida clerical em uma relação de amor e ódio junto aos outros monges, que de nada sabiam de seu amuleto pagão. Ele tinha o cuidado diário de o deixar bem escondido sob o manto, pois sabia que se os outros monges descobrissem eram capazes de mandar queimá-lo na fogueira.

Houve momentos em que Hugo tentou retirar o amuleto por desespero, mas foi em vão. Ele sentia que ao levantar o colar acima de seu queixo era como que se arrancasse sua própria alma com ele, deixando-o completamente esgotado e sem ar. Era claro para Hugo que a maldição dada a ele era forte, e definitivamente seria seu fim se ele se separasse do amuleto vermelho.

Os sussurros com os anos também só aumentaram, e com o tempo Hugo reconheceu que eram de fato do mesmo homem da seita que ele havia matado na floresta. Os sussurros então passaram a ser mais claros e mais altos. Gritos em sua cabeça por vezes o acordava a noite. O espírito do amuleto também o atormentava enquanto rezava ou o atrapalhava enquanto confraternizava com seus outros irmãos monges, ganhando com o tempo o apelido de “Hugo, o Louco”.

Ele agora entendia porque foi a princípio obrigado a ter de viver uma vida em isolamento, pois certamente na cidade seria condenado de alguma maneira por seu comportamento errático e assustador.

Sendo um veterano no mosteiro, ele havia se tornado um ótimo papelheiro e escriba, apesar de falsificar um documento aqui ou uma permissão ali em troca de algumas moedas a mais. Como o mosteiro ficava próximo das antigas rotas de comércio que realizava com seu pai para vender couro, Hugo aproveitava estes câmbios para comprar com as moedas extras livros de ocultismo que pudessem ajudá-lo a se livrar do maldito amuleto vermelho.

Sempre com o cuidado de não ser visto com tais livros hereges, Hugo se aprofundou nas mais diversas artes ocultistas, mais especificamente na necromancia, onde ele acreditava estar alcançando uma solução para seu tormento infindável.

Quanto mais anos se passavam, mais o amuleto o deixava mais e mais insano, sendo que agora Hugo gritava repentinamente e falava em voz alta coisas desconexas em meio a rezas, despertando a desconfiança de outros monges de que algo estava errado. Hugo tinha de agir o mais rápido possível.

Uma noite foi escolhida por ele. Aquela noite iria ser o momento ideal para Hugo concretizar o que por muitos meses estava planejando. Chovia muito, e seus irmãos no mosteiro estavam todos entretidos com as comemorações do dia de São Patrício, pecando por um dia e se permitindo embebedar. Como haviam vários noviços recém-chegados, toda a atenção da festa estava focada neles, e certamente todos se esqueceriam da ausência do pobre Hugo, o Louco.

Em meio a pesada chuva, Hugo desceu correndo com uma pá, uma faca e um livro necromântico para o cemitério do mosteiro. Observando cuidadosamente as janelas com as silhuetas de seus irmãos celebrando, Hugo começou a desferir golpes na terra húmida com sua pá para desenterrar um monge célebre da região que havia morrido a pouco tempo, considerado por todos um homem santo. De acordo com o livro, o cadáver de uma pessoa de extrema bondade deveria servir de depósito para a transferência da maldição.

Após retirar a terra, Hugo se aproveitava dos relâmpagos para bater com toda sua força na tampa de madeira do caixão. Após algumas tentativas, a face pútrida do bondoso monge se mostrava à pálida luz da lua.

O próximo passo segundo o livro era o mais difícil. Hugo deveria arrancar seu próprio olho e um olho do cadáver para trocá-los de lugar. Tremendo, Hugo sacou a faca e lentamente foi dilacerando a face do cadáver. Vários vermes iam brotando por dentro da órbita, quase fazendo Hugo vomitar de asco na cova. Feito isso, era a sua vez.

Hugo enxugou a água de sua face e respirou rapidamente, para tentar ganhar coragem. Prendeu a respiração e lentamente aproximou a faca de seu olho, rasgando sua pele e gritando a plenos pulmões, era uma dor incrível e que fazia surda até a própria voz do amuleto em sua cabeça. Havia muito sangue em seu rosto e ele se sentia muito enfraquecido, mas por fim Hugo segurava seu próprio olho em suas mãos.

Voltando a si, rapidamente colocou seu olho no cadáver e o olho pútrido em sua órbita sangrenta, abrindo o livro em seguida para ler as palavras profanas, “Ó Usyr, Salaul, Pumiotor, Oor, Syrtroy; Venham para mim nesta hora, sem afligir minha carne ou alma; enviem este espírito preso neste ídolo para este casulo de carne aos meus pés, que preencherá meu desejo, e se desprenderá de mim até o fim dos tempos!”.

Nesta hora, os outros monges saíram assustados porta afora pois acreditaram ter ouvido gritos vindos do cemitério. Avistaram e se aproximaram de Hugo correndo, o encontrando ensanguentado no meio do ritual, imanando uma sombria luz turquesa em

suas mãos. Ele ria e pulava, gritando que a maldição estava quebrada, que o espírito estava no olho do cadáver. Repetia incessantemente que não escutava mais a voz, e ria histericamente.

Alguns monges correram para segurá-lo, e um de seus irmãos arrancou o amuleto de seu peito.

Por um breve momento, se pode ver a expressão de espanto de Hugo olhando para o amuleto longe de seu corpo, para que logo em seguida o pobre monge louco caísse morto no chão.

O amuleto por muitos meses foi estudado pelos monges, e depois de perderem o interesse, foi guardado a sete-chaves nos porões do mosteiro cercado por dezenas de símbolos santos que possuíam a força sagrada de isolar qualquer tipo de magia negra contida nele.

Mas haviam alguns monges que contavam que ao passar perto do amuleto vermelho se ouviam certos sussurros. Sussurros atormentados.





APRESENTAMOS O CONTO

Adous, minha amiga

POR NANCY SCARLETT-HAYALLA

Sentindo-se culpada pela morte da melhor amiga, que foi acusada de ser uma bruxa, a bruxa verdadeira toma a decisão de se entregar para as autoridades.

Nancy é natural de Guarujá, São Paulo. Desde criança sempre sonhou em ser escritora e só agora que conseguiu realizar este sonho.

Teve seus primeiros contos publicados nas antologias Tardes Quentes de Um Inverno a Dois, Atmosfera Fantasma, Tesouros Perdidos e outros...

É uma contadora de histórias!

É amanhã que tudo acaba..., mas quero aproveitar o hoje, neste meu último final de tarde de outono para me despedir da vida. Pois amanhã serei condenada à morte. Tudo bem, não me importo, desde que seja uma morte tranquila. Espero que meu pedido seja atendido. Não tem porque não ser, afinal, eu mesma me entreguei. Não queria acabar da mesma forma como muitas amigas, irmãs, conhecidas e desconhecidas se acabaram.

Todas elas foram acusadas, torturadas, julgadas, condenadas e mortas por serem bruxas.

Sim, eu também sou uma. Mas antes de você me julgar, como muitos já fizeram, me dê pelo menos uma chance para explicar o que realmente significa ser uma bruxa.

Ser bruxa é ser uma mulher que ouve a sua intuição, comunga com a natureza e tem respeito pela vida. É tratar todos os seres com respeito e nunca desejar o mal a ninguém. É um modo de vida. Não é somente realizar rituais no dia dos sabbats e na Lua Cheia. Toda bruxa é única, uma peça rara sem explicação. E eu tenho orgulho de ser uma, não importa o que digam. Temos o poder e o conhecimento para transformar a nossa realidade e a nós mesmas, se auto aperfeiçoando e criando uma vida melhor para si e para o mundo. É uma pessoa que sabe muito.

Mas como pode imaginar, nem todos nos enxergam desta forma. Muitas de nós foram açoitadas, acorrentadas em prisões, amarradas ao tronco, torturadas para entregar nossas amigas e quem eles queriam. Outras foram enforcadas, afogadas, linchadas pela população e queimadas vivas em fogueiras.

Muitas mulheres foram chamadas de bruxas sem realmente serem. Foram mortas injustamente apenas porque eram simples curiosas sobre os mistérios da natureza, tinham conhecimentos da ciência e moravam sozinhas no meio do nada.

Foi o que aconteceu com uma amiga minha, que foi injustamente acusada de bruxa em meu lugar. E até hoje eu carrego esta culpa. Por isso, quero contar a história de Caroline Barnes.

Ela morava junto com o marido, Marcus Barnes, funcionário da única serraria da cidade St. Omer. Hoje, a cidade não existe mais, se foi junto com ela. No meio de muitas estradas do

condado de Illinois, na imensidão dos campos de milho, existe uma certa estrada de cascalho que leva até a cidade ou o que pelo menos restou dela, o seu cemitério.

A cidade fantasma até poderia ser esquecida se não fosse pelo estranho monumento da lápide, uma esfera que lembra uma bola de cristal em cima de uma pira. Enquanto muitos dos outros túmulos neste cemitério estão orientados de leste a oeste, este aponta para o norte e para o sul. Quatro pessoas estão enterradas lá, Marcus Barnes, seus pais e sua esposa, Caroline, cuja data declarada de morte nunca poderia ter ocorrido.

31 de fevereiro de 1882. E esta data não existe.

Caroline Barnes não era uma bruxa, mas foi acusada de ser uma, mesmo depois da sua morte. Dizem que ela foi enforcada, queimada ou mesmo enterrada viva por seus crimes de bruxaria, o que pessoalmente acho uma teoria meio que improvável... primeiro porque Caroline não era bruxa. Pelo menos até onde eu sei, não era. Então não cometeu nenhum crime de bruxaria. E se não cometeu nenhum crime, então não poderia ser condenada.

A data impossível seria uma medida preventiva. Segundo os boatos na época, a bruxa surgiria novamente no dia em que morreu, mas se a data de sua morte nunca chegar, não reapareceria.

Na realidade, existem poucos fatos para apoiar as acusações de bruxaria.

Só tem apenas uma história trágica em torno da família Barnes. Seu marido Marcus morreu em um acidente na serraria em 1881 e foi enterrado com seus pais. Apenas dois meses depois, ela também se foi, morreu de pneumonia aos 23 anos de idade. A data verdadeira de sua morte foi em 26 ou 28 de fevereiro, o dia em que os Barnes tiveram o seu fim e quando a família morreu, a cidade fez o mesmo.

Agora vem a dúvida que não quer se calar. Não se sabe como acusaram a pobre Caroline de ser uma bruxa. Era apenas uma simples dona de casa. Quando eu a conheci em uma feira local, ela tossia muito, chegando ao ponto de passar mal. Como eu estava por perto e ninguém tomou a iniciativa, decidi ajudar.

Não havia médicos na cidade e o mais próximo ficava em um raio de mais de cem quilômetros. Como ela não tinha meios para ir até a outra cidade, eu a levei para a minha casa, preparei um chá de ervas e uma poção para inalação. Não fiz na intenção de curar, pois não sabia a gravidade de seu problema, mas pelo menos iria aliviar um pouco a sua

dor. Eu também não tinha muita certeza do tipo de doença que Caroline tinha, mas assim que vi tossindo daquele jeito, já imaginei que ela estava doente dos pulmões.

Claro que ela ficou assustada, já deve ter imaginado que eu era uma bruxa e que eu fiz algum ritual para enfeitiçá-la. Mas como viu que nada de anormal aconteceu, mudou de ideia. Ainda assim estava desconfiada e com razão. Como muitas pessoas, deve ter ouvido falar nas bruxas. Tentei amenizar a situação, que aquele procedimento era apenas uma velha receita de família, o que por um lado era verdade.

Pedi para que me desse um voto de confiança e graças a Deus, ela me deu esse voto. E assim nos tornamos as melhores amigas.

Caroline sempre que podia ela vinha me visitar. Durante as suas visitas, eu sempre preparava aquele chá do qual ela tanto gostava. Disse que desde que tomou aquele chá, suas crises de tosse diminuíram e está respirando melhor e isto me deixou muito feliz.

É claro que ela me perguntou como eu sabia de muita coisa, o porquê eu morava sozinha no meio no nada e se eu tinha família. Eu queria muito contar a verdade, não gostava de mentir, mas tinha muito medo de contar e ela se assustar ou pior, me denunciar, como já aconteceu muitas vezes.

Mas criei coragem e falei que eu era uma bruxa. Ela somente ficou sentada me olhando, com a xícara na mão. Fiquei só esperando o momento em que ela fosse derrubar a xícara ou a atirasse em mim. E para a minha surpresa, ela me abraçou, me aceitando como sua amiga.

— Não posso maltratar a única pessoa neste fim de mundo que me ajudou. E tudo bem se você é uma bruxa, eu pessoalmente não me importo. Sei que é uma boa pessoa. E além do mais, não precisa ser bruxa para ser má, como vejo aí.

Isto era verdade. Vemos muitos que matam, roubam, mentem, traem e muitas outras coisas e não são bruxas. A humanidade ainda tem muito o que aprender.

Durante as suas visitas, ela se mostrava muito curiosa em relação aos meus conhecimentos de bruxa. Cheguei a ensinar alguns feitiços a ela, mas nada muito poderoso, para não acontecer nenhum acidente. Chegou a me perguntar se conhecia algum feitiço para engravidar, pois ela e o marido queriam muito ter filhos e infelizmente eu não conhecia nenhum.

Mas as suas visitas eram agradáveis. A gente se divertia muito caminhando pelo bosque, sentindo a natureza ou colhendo flores e frutos. Ela era como uma irmã para mim. A irmã que eu nunca tive e agora nunca mais eu terei.

Porque ela foi embora para sempre. E eu nem tive a chance de me despedir.

Parece que alguém nos viu caminhando pelo bosque e é claro que foram fazer fofoca. E como St. Omer era uma cidade pequena, o boato se espalhou rápido. Por isso Caroline não veio mais, talvez por medo de sofrer represálias. Tudo bem, eu entendo as razões delas. Eu também fiquei com medo, por mim e por ela. Então eu sumi por uns tempos.

Mas por conta de seu medo, seu estado de saúde se agravou. E para piorar a sua situação, seu marido sofreu um acidente na serraria e morreu. A população se aproveitou do fato de ela estar sozinha e doente para lhe pressionarem se ela conhecia alguma bruxa que assombrava as redondezas. Como ela não sabia que eu havia ido embora e talvez, não sei, não queria me denunciar, se entregou em meu lugar. Ela foi presa e como já estava com a saúde muito debilitada, faleceu no final de fevereiro.

Quando voltei para St. Omer, soube do ocorrido. Fui até o cemitério e vi aquela estranha lápide no jazigo da família Barnes. Soube também que “confessou os seus crimes de bruxaria” e morreu antes do seu julgamento.

Dizem que ela morreu dormindo, mas nada me tirava da cabeça que ela deve ter sido enterrada viva. Não seria o primeiro caso. E inventaram aquela data inexistente, acreditando na superstição de que ela voltaria para se vingar no dia de seu óbito.

Mas se fosse eu, voltaria com data errada ou não para vingá-la.

Alguém disse que foi um erro de impressão e era muito caro para ser corrigido. E não tinha mais ninguém vivo da família para arrumar o erro, deixaram como está. Eu não deixaria!

E também não acreditei nesta história. Não aguentei aquela injustiça que fizeram com a pobre da Caroline. Procurei as autoridades e me entreguei. Fui transferida para a prisão em uma outra cidade. Logo depois, St. Omer foi sendo abandonada aos poucos. Ninguém queria morar perto de uma sepultura de bruxa, ainda mais com aquela coisa medonha em cima de seu túmulo. Sei que a minha condenação não trará a minha amiga de volta, mas pelo menos não terei mais que carregar a culpa de ela ter se entregado para me salvar.

Adeus, minha querida amiga Caroline Barnes!





APRESENTAMOS O POEMA

Um conto de Halloween

POR PEDRO GUASTELLI FADINI

Em suas odes, ele traduz em verbos intrincados as emoções mais aflitas e caliginosas, descasa com a lírica cativa, expurga a ardilosa deleitação e esgarra no júbilo. Mergulha no marasmo, trilhando em meio ao pretume, atraído pelo morbífico.

E então, eis que a noite era álgida e enfarruscada.
Iluminada sob o fulgor de inúmeros raios impetuosos
Em meio a uma torrente chuvosa no frígido e unguido solo
Acompanhada por uma orquestra arrebatadora de trovoadas

Era meia noite.

Criaturas de chifres compridos e asas negras surgiam
Sopro de espectros, almas pálidas, aves que gorjeavam.
A atmosfera era cortada no voar rasante de morcegos
E no magnífico cantarolar dos lobos sombrios e cruentos

A lua parecia dobrar de tamanho, sua tonalidade era instigante.
Da leiva, primorosas rosas de pétalas enegrecidas e hipnotizantes.
Um ser feminino flutuava em meio a relva molhada airosamente
Figura singular, porém, sua beleza pairava no ar graciosamente

Trajava um vestido branco no qual lampejava em meio ao lúgubre palco
Tinha cabelos escuros e compridos, corporatura alta, a dama das trevas
Seu cantarolar enfeitiçou-me de paixão e atraiu-me a correr atrás dela
Aproximando-me, foi quando ela se virou para mim, e aquilo que vi deixou-me horrorizado

Eram olhos vazios, presas ao invés de dentes num sorriso demoníaco
Lábios retorcidos, um orifício no lugar do nariz, sua face era cadavérica
A criatura agarrou-me e nos conduziu para as profundezas do abismo
O clima era deveras tórrido, ladeado de chamas e maléficas gargalhadas

O Diabo é negro de olhos amarelos e chifres, contudo muitas vezes virás disfarçado a fim
de atrair-te naquilo a lhe encantar cegamente na fisionomia frívola e perfunctória.





APRESENTAMOS O CONTO

Linha interdita

POR IDICAMPOS

Um enfermeiro da UPA de Botafogo, RJ, tem uma estranha revelação de uma velha de preto. A narração acontece a partir de uma viagem no metrô carioca....

Idicampos é Professor de português-literaturas, pós-graduação em Formação de Leitores; contos e poemas em jornais, revistas e coleções.

O metrô penetra pelas entranhas da cultura inglesa, desde o nebuloso fim do século XIX. Vem de lá o imaginário fúnebre da linha do trem, os fantasmas gozam da nossa cara faz tempo...

No Brasil, país do futebol, terra da beleza mestiça, assombração é golpe do colarinho branco, o povo só acredita no que vê, vendo o suficiente pra se manter, sempre, assustado!

Na pátria amada o conforto começa na fila da bilheteria, tipo fim de mundo — um cuspidor na cara do outro — no empurra... Empurra... Respingando, na plataforma do metrô carioca, o suor do trabalhador...

As portas encostam as borrachas, vai parti a lotação (Linha Dois) iniciando na Pavuna; quando uma sacolejada brusca interrompe o movimento. Os passageiros refletem acerca do motivo:

— Uma velha, trajando luto, suicidou-se, enfiou a cabeça embaixo do trem.

— Morreu?

— A infeliz esmagou os miolos, o sangue jorrou nos trilhos...

A notícia obriga a presença do silêncio... Atônito, confiro, na mochila, a proteção individual, uma batalha aguardava a minha chegada a UPA de Botafogo.

Após um tempão liberaram a viagem. A composição desliza nos ferros frios, rumo ao destino, cada qual com a sua dor, procurando sentir uma vida sem sentido...

A lotação recusa o uso da máscara fora do carnaval, mas o ambulante não para:

— Trago, comigo, uma SUPER LENTE (distribuída aos interessados) capaz de expor as varizes da aranha, o topete da formiga, o pentelho da mosca —extraordinário— veja o impossível!

A paisagem dispara nos meus olhos perdidos na janela; finalmente, acomodo a bunda no banco duro — alegria de pobre dura pouco— a voz alta interrompe o devaneio:

— Próxima estação, Botafogo!

Sou expelido pelo transporte coletivo, ganho a rua, miro a São Clemente, avisto a UPA, na entrada o relógio de ponto toma conta da minha vida.

O vestuário cheio —troca de equipe— a fisionomia triste dos meus colegas cheira a defunto.

O chefe do CTI comunica a realidade:

— Queridos, uma máscara por plantão.

Esfria a espinha, tenho medo da morte, entro no recinto (acabou o álcool em gel) visto o EPI adquirido com recursos próprios.

Dirijo-me ao espaço lotado, gente igual lixo, na fila da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, implorando por um leito, aguardando tratar a infecção da covid-19.

Baixo a cabeça ao trafegar no corredor, tropeço numa velhinha, peço desculpas, ela retorna, atropelando a conversa:

— Escrevemos a nossa própria história!

— Como assim vovó?

— Deixe o número do Sapp, explicarei...

Bolado do juízo, informo o número à interlocutora.

Em períodos regulares, no percurso da carga horária, aparece a idosa no pensamento...

Labuto a noite inteira, sendo rendido bem cedinho.

A volta é mais tranquila, viajo inverso ao movimento da metrópole.

O corpo desmaia, em casa, ao avistar a cama, durmo direto... Acordo sobre o apelo do despertador.

Levanto, lavo o rosto, olho o Whatsapp, vejo a foto da velha, fico curioso, abro a mensagem:

— Comprando a passagem, traga bagagem leve, porque o caminho continua...

Abandono o telefone, perplexo; ligo a televisão, assisto ao telejornal que mostra o suicídio na estação do metrô da Pavuna. A edição exhibe a fotografia da velha da mensagem, a velha do tropeço no corredor da UPA, a velha de preto, estraçalhada, cortada ao meio, ensanguentada, morta na paisagem horrorosa daquela manhã chuvosa...

O pessoal dos serviços gerais recusa-se a varrer as plataformas da estação da Pavuna, depois da meia noite, porque a velha de preto tem alergia à poeira...



APRESENTAMOS O CONTO

Que o fogo me faça esquecer

POR TAMI NOGUEIRA

Uma mulher delira com o passado enquanto espera sozinha na escuridão. Em seus delírios, ela encontra mulheres que foram importantes na sua vida e cada uma a confere um pouco de conforto para o que virá a seguir.

Tami Nogueira é historiadora e professora de História, que possui na literatura uma grande paixão. Estudiosa de narrativas, passou a produzir textos ao invés de somente analisá-los, escrevendo romances, contos e crônicas nessa "pausa" que a pandemia proporcionou. Autora de "O desconforto que você se tornou para mim" (2020, disponível na Amazon) e outros textos que, de vez em quando, publica em sua conta no Medium (Tami Nogueira).

estou cansada... quantos... dias... passaram...? está escuro.... meu corpo... não consigo... sinto dor... vaga... distante... presente... fome... estou com fome... faminta... cansada... machucada... na escuridão... quando... quando fui jogada... pela última vez...? cansaço... meu corpo... só... esquecer...

Estou na cachoeira. É noite de Lua Nova. Meu sangue havia descido. Meu interior tinha se renovado. Aprendi com minha mãe, que aprendeu com a mãe dela, a se banhar em água doce quando o sangue desce. O sangue é a purificação do nosso interior. A água é a purificação do nosso exterior. Quando os dois se tocam, se combinam... É nossa purificação completa.

Corpo e espírito. Vida e morte.

Minha mãe dizia que o sangue é a morte do que não havia vingado. Uma nova oportunidade de florescer.

Estou nua enquanto deixo a água me lavar. Deito-me nela. Afago-me. Olho para o céu e me percebo pequena. Fecho meus olhos e me imagino um universo inteiro. Deixo a água lavar meu sangue e suas dores. A morte pode vir num sopro sossegado ou em gemidos desconfortáveis. Deixo que a água lave os gemidos que se contorcem dentro de mim.

Que a água inunde o universo que as Deusas fizeram de mim!

Vovó está na varanda.

Ela usa um vestido de lã. Está frio, mas o sol se fez presente hoje. É o suficiente para sairmos um pouco. Minha avó gosta de ficar fora de casa. Está mexendo na sua cesta de ervas, separando-as. Há aquelas ervas que podemos comer. Aquelas que usamos em ocasiões especiais. Aquelas que ofertamos para as Deusas. Aquelas que vendemos. Há ervas que só servem para nos nutrir. Nutrir nossos animais. Há ervas que precisamos ter cuidado, porque elas podem machucar quando usadas em excesso. Há ervas que são veneno e precisam que as usemos com cuidado.

Minha avó conhece cada erva. Minha avó conversa com todas. Aprendeu com a mãe dela e ensinou para minha mãe. Está ensinando para mim também.

Enquanto ela separa suas ervas, me sento ao seu lado. Sorrio para ela e ela sorri de volta.

— Logo vai acabar — me diz gentilmente enquanto me encara nos olhos.

estou cansada... me afogo... sufoco... meu corpo... estou... flutuando? não... o chão duro... frio... fome... dor... sufoco... na escuridão... quebrado... não... me mexo... algum lugar...

Eu vou morrer aqui!

NÃO, NÃO POSSO, POR FAVOR, NÃO ME DEIXEM NA ESCURIDÃO, NÃO ME DEIXEM PERDIDA, POR FAVOR POR, FAVOR ALGUÉM, ME SALVE, ALGUÉM ME AJUDE A ESQUECER

Duas pessoas abrem a cerca e entram. Parecem mãe e filha.

Caminham devagar em direção à varanda, onde minha mãe e eu estamos descascando legumes. Estão de braços entrelaçados e andando com passos apressados.

Minha mãe estreita os olhos e grita:

— O que querem na minha casa?

A mulher para na mesma hora. Está chorando.

— Meu filho.... Preciso.... Preciso de remédios....

Minha mãe se levanta e vai em sua direção. Elas conversam por um bom tempo. Então, pede para a mulher esperar na varanda e me chama para dentro de casa.

— O que houve?

— O filho dela está com a respiração fraca. Ainda é um bebê. Não irá viver mais um mês — responde séria, cortando folhas de sabugueiro e cebola e as botando para ferver.

— Como a senhora sabe? Não o viu...

— Eu sei. Só desejo poder ajudá-lo a encontrar as Deusas tranquilo — ela diz, encerrando nossa curta conversa. Quando ela fala desta forma, eu sei que ela viu coisas pelos olhos da mulher. Viu além dos nossos dias. Então, não continuo. Porque as Deusas sabem o que fazem. Porque, um dia, eu terei o mesmo dom. Também verei além dos meus dias através dos olhos dos outros...

Volto para a varanda para continuar a descascar os legumes.

A filha está na varanda sentada onde eu tinha estado. Ao me ver, se levanta rápido.

— Me desculpa — diz, constrangida.

— Tudo bem — respondo, olhando com atenção para ela pela primeira vez desde que chegou.

Tem a minha idade. Talvez um ano mais nova. Alta, magra e com mais curvas do que eu. Era a mesma menina que havia chegado agarrada a mãe? Porque não era menina. Era mulher.

Com cabelos tão vermelhos quanto fogo...

adormecido... meu corpo... frio... fome... quanto... quanto... quanto tempo...? escuridão... gelada... sem luz... cor... cansaço... estou tão... cansada... vermelho... cabelos vermelhos... quero... calor... me... salve... por favor... vermelho... me ajude... a esquecer... onde estou... por favor...

Beijo seus seios. Chupo-os. Mordo-os. Aperto suas coxas. Acaricio sua bunda.

Ela geme e me puxa, beijando-me os lábios com força. Quase dói.

Acabamos de nos banhar. Um ciclo tinha terminado para mim e o dela logo começaria. Entre estes dias, podíamos nos encontrar sem que sua mãe soubesse. Podíamos nadar juntas. Nos encontrar sob a Lua Cheia e nos amar.

Nos amar ali, na cachoeira. O único lugar que podíamos nos revelar.

Beijo seu corpo enquanto sinto sua respiração pesada. Coloco meus lábios em sua flor.

Beijo-a. Acaricio-a. Lambuzo-a. Amo-a.

Aproveito cada momento. Cada movimento. Meu prazer acompanha o seu. Então, ela arqueia e grita. Me sinto arrepiar. Subo ao seu rosto. Ela está de olhos fechados, mas sussurra ofegante:

— Te amo.

— Eu também... — Beijo sua bochecha, enrolando meu dedo em seu cabelo vermelho. — Te amo. Mais do que a mim mesma.

Ela abre os olhos e sorri.

— O que você vê nos meus olhos agora?

Me aproximo mais de seu rosto, tocando a ponta de nossos narizes. Ela olha fixamente para mim enquanto olho além de nossos dias...

— Alegria. Amor. Dor. Tristeza. Saudade...

— Você está me dizendo muitas coisas ruins — diz, com um risinho nervoso.

— Desculpe. — Fecho meus olhos e sorrio — Há coisas boas também. Sua vida será tranquila.

Então, beijo-lhe os lábios antes que ela me faça perguntas que não quero responder. Perguntas que magoarão seu coração com as respostas que já magoam o meu. As Deusas sabem o que fazem. Não há o que temer...

GRITO! DOR!

Um chute. Meu corpo adormecido desperta e a dor que era uma sensação vaga explode em ondas alucinantes.

Estou viva e estou sofrendo!

— Acorda, bruxa! Está na sua hora!

DOR! Algo pesa em meu peito. Há luz atravessando a escuridão, mas continuo cega. Não consigo me mexer. Mãos estão me levantando. Me machucam. Mais mãos me seguram. Estou sendo arrastada? Para onde? Não consigo ver. Antes havia escuridão demais. Agora há luz demais. Estou cega? Estou sob o céu do dia ou à luz de um archote? Sinto o vento na pele e o frio me atravessa com inúmeras flechas. Estou nua. Estou machucada. Estou sendo amarrada. Ouço vozes gritando contra mim. Um tribunal que não consigo acompanhar.

É agora que irá acontecer? Deusas, é agora que nosso encontro se dará?

Não há o que temer. As Deusas sabem o que fazem.

Sinto o calor sob meus pés. Queima minha pele. Enxergo o vermelho.

Fico feliz. Estou cansada. Tenho medo, mas quero paz.

Por favor, fogo... Me dê paz... Me faça descansar...

Fogo... Me faça esquecer.



APRESENTAMOS O CONTO

As mulheres de Sangagré

POR VINÍCIUS OLIVEIRA

Como adjetivo, Sangagré se coloca há anos, talvez uns trinta, no mínimo. Para os que vivem na região, significa desde gente de espírito forte, até feiticeiro proclamado. Usa-se, também, para benzedei-
ras e quem faz remédio de erva. Quando se acredita em maldição no encalço, desconfia-se, primeiramente, que vem de Sangagré. Se apega à hipótese, dadas histórias múltiplas que permeiam imagina-
ção do povo de Intento.

O que difere Sangagré e inicia enorme quantia de lendas é o fato de que lá só vivem mulheres e crianças. Também, a peculiaridade de suas tradições.

Vinícius Oliveira é formado no Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, pela UFJF, e cursa Cinema na mesma instituição. Por criação, é de Resende Costa, cidade interiorana de Minas Gerais, conhecida pelos teares centenários. Na malha dos cabristios locais, tece sua concepção no mundo.

Como adjetivo, Sangagré se coloca há anos, talvez uns trinta, no mínimo. Para os que vivem na região, significa desde gente de espírito forte, até feiticeiro proclamado. Usa-se, também, para benzedeadas e quem faz remédio de erva. Quando se acredita em maldição no enalço, desconfia-se, primeiramente, que vem de Sangagré. Se apega muito à hipótese, dadas histórias múltiplas que permeiam a imaginação do povo de Intento.

Fora o caráter adjetivador de Sangagré, que é novo relacionado à origem do termo, quero trazer a lenda sumária do lugar. Primeiro digo, pra quem não conhece ou nunca ouviu nada sobre: Sangagré é povoado, há 47 quilômetros, de Intento, cidade estabelecida pelos trabalhos em couro, de selaria e vestes. É lugar antigo, e creem já ter mais de cento e cinquenta anos, mas sem registro. Contam, então, noventa e oito, a partir da municipalização da cidade que o abriga.

Desde criação, há quantia de dezoito casas dispostas em grande círculo. Todas de frente a todas. São grandes casas de adobe, em cores de barro cru e janelas de madeira. Seus móveis são construídos da madeira do lugar e quando necessários reparos, todas as mães se juntam e consertam, cantando, em bela cerimônia comunitária. Modelam, na prática, espécie de comunidade indígena. Nunca houve averiguação de qualquer conexão, no entanto.

O que difere Sangagré e inicia a enorme quantia de lendas é o fato de que lá só vivem mulheres e crianças. Também, a peculiaridade de suas tradições. Homens não permanecem muito tempo.

Homem, quando vai para Sangagré, ou sai morto, ou fugido, ou doido. Não restou nenhum, de fato. Antônio Caroldo, último que viveu por lá, passou corda no pescoço e foi encontrado pelo filho, pendurado no curral, há uns dois anos. Restam somente as viúvas, com alguns bacuris de barriga curva deixados para trás com a mãe. Mesmo os garotos, quando crescidos, saem do povoado para trabalhar, enviados pelas genitoras. As meninas, pelo contrário, costumam viver por ali mesmo. Perguntados sobre o povoado e seus mistérios, não dizem absolutamente nada.

— Ah... bonito, né? Aprendi muita coisa lá...

— Mas lá tem estranhice mesmo?

— Nada que eu saiba... Lá é lugar bom!

— E o Córrego de Sangue... é coisa de feiticeira, não?

— Tem disso lá, não!

— Então... por que saiu?

— Lá tem muito trabalho pra mulher... elas conhecem mais da terra e do que cresce. Não dei certo lá, depois de velho... só isso.

— Ué... mas trabalho pesado, na terra, num é pra homem?

— Elas conhecem mais da terra e do que cresce. Te digo! Aguentam o trabalho igualzinho... Eu que num guentei... num deu certo, mesmo.

— Cê sabe de coisa e num quer falar... certeza que já viu feitiçaria...

— Vi minha mãe batendo enxada uma vida. Fui eu que num dei conta e quis sair... e disso não sei mais nada – fechou carranca e encrencou com as perguntas.

As mulheres de Sangagré são conhecidas por serem duras. Trabalham no manejo de cultivos de milho, cana e mandioca. São carreiras e candieiras, com seus próprios bois e carros. Sempre foi de elogio geral a qualidade de seus instrumentos e animais: “criados como brincos”, dizem. São tomadas como violeiras e sanfoneiras exímias, passando tais saberes para suas crianças, extremamente prendadas em quaisquer artes, seja música ou conhecimento herbal, cuidados com bicho e plantação. Nunca, ou raramente, procuram ajuda médica, na cidade. São conhecidas por morrerem em idade avançada. Tinguá, velha carne-de-pescoço do lugar, está com 109, por agora.

Há muito contam passagens, a cavalo ou de carro, pelo povoado. As mulheres foram vistas dançando nas margens do córrego que passa por trás. Nas variações da história, uns as viram nuas, só com fitas, outros as viram de roupas. As fitas não se modificam nos relatos, são sempre presentes. “Aquilo é terra de feiticeira!”, culmina o assunto.

É sabido que o córrego citado passa por fenômeno curioso no início das primaveras: chamado de Córrego de Sangue pelo pessoal do entorno, suas águas claras ficam avermelhadas por soltar argila das barrancas, mais acima. Quando ocorre, por tradição, as mulheres o sobem, como congadas, pelas margens, cantando e dançando por uma semana de celebrações. Não se sabe o porquê, para quem celebram e nem o que cantam, por ser língua desconhecida do povo. Alguns dizem dos cânticos serem em Latim, mas nunca foi tirada dúvida, por medo da suposta feitiçaria. Perguntar é pedir para se encravar, supõe o costume local. O restante é imaginação do povo, que maldosa, aumenta muito o caso. Na maioria das vezes.

Sangagré, no todo – e é cabível falar –, tem é muito trabalho pesado, uma penca de mães colocando comida na boca dos filhos, uma tradição bonita de cânticos e modas, e um rio que sangra. A história disseminada, penso eu, preserva vida que o povoado tem, pela imaginação dos cidadãos de Intento. Fortifica a cultura e saberes que as mulheres possuem. São saberes da terra. Da terra em que pisam, alisam e cuidam, passados minuciosamente aos sucessores, que também os cultivam. Se por magia ou conhecimento — não creio serem separados, contudo – tal possibilidade de vida há, que seja possível haver. As mulheres de Sangagré são duras, é fato. Feiticeiras, jamais saberei.

Eu e Tomé corremos ligeiros para as terras de Antônio Caroldo, com o sol alto ardendo em manhã. Tínhamos de apanhar, com o carro, uma roça de milho colhida há dois dias. Havia quatro carros pra fazer viagem. Todos deram volta no Morro da Égua para não passar por dentro do território de Sangagré.

— Eu num passo em terra de feiticeira!

— Que isso... é história pra assustar menino, Supião!

— Eu é que num vou confirmar seu dito, Sanico...

A volta que os carros se proporam a fazer aumentaria a viagem em meia hora, o que para mim, era grande besteira, apesar do medo grosso que Tomé tinha. História de assombração para ele era o fim. O encorajei, mostrando o facão na cintura, pra abrir mato, se precisasse.

Passamos pela beirada do povoado, cumprimentamos as moças que estavam moendo cana a dar pra bois, no curral, e seguimos direto para a cava que cortava caminho até a roça. Tomé arrepiou até o último pelo e só olhava pro chão. Perdendo o povoado de vista, o menino me arrastou um nome do pai e gritou um Maria-passa-na-frente. Não pediu para voltar, porque tinha tempo e chão corrido. Na cabeça, suponho, o pior ficara para trás.

Embicando na cava do Toninho Caiado, foi visto por nós uma carrocinha, de leite por certo, parada na baixada. Lerdando o ritmo do carro em função do de Tomé, que tomara susto, fomos seguindo, enquanto eu já abria sorriso e ria da situação.

— Ô Tinguá, tá boa?

— Graças! Tão indo pra onde?

— Viemo ajudar o Tonho Caroldo com a roça de milho. Os outros três carros que ele pediu deram a volta no Morro da Égua, mas era mais meia hora de chão. Bobeira de seguir.

— Povo de medo com a gente?

— Esse daqui também tem, já rezou um rosário de Sangagré até aqui — Ri, satisfeito ao debochar de Tomé.

— Bobeira, menino, tenha medo, não. Nós samo gente que nem ocês. Para um cadim, toma um café comigo. A garrafa foi coada tem pouco tempo, inda tá pelando.

Tomé suspirou, arregalou os olhos e fez que não com a cabeça, de modo a só demonstrar para mim seu descontentamento com a ideia. Infelizmente, o receio era percebido por Tinguá também. Fui camarada ao meu candieiro e neguei gentileza.

— Depois do serviço até passo pra tomar café e falar com ocê, Tinguá, mas o Tonho tá esperando lá em cima. Tem de aproveitar que os boi tão suando agora, cê sabe. Senão depois trava no caminho e a gente passa aperto, ainda.

— Eles esperam ocês, bom que descansam... — De súbito, o carro parou num ranger doído e as três carreiras ficaram imóveis. Tinguá olhava sorrindo para os bichos, de olhos vidrados. Havia conversas de que quando se encontrava com a velha em caminho de serviço, ela sempre abordava pra tomar café e prosear um pouco. Carregava sempre a garrafa consigo. Não gostava de desfeita. Os bois entenderam isso no convite.

— Margoso! Iê! Sanhaço! Opa... op... boi! Vamo! — Nem se mexeram. Arrebitaram no chão de forma a não mexer um pelo sequer.

Fiquei uns minutos tentando mexer com os bichos, mas ficaram igual quando pararam. Desisti. Olhei para Tomé e o chamei pra tomar um gole de café da garrafa de Tinguá. Realmente estava pelando de quente, o que deu uma animada pro serviço vindouro.

— Menino... Ei menino... Cê acredita mesmo que tem bruxa em Sangagré?

— Eu... Eu... Eu... sei de nada, não, Siora. Tô de reza porque sou ferrenho!

— Mas me diga... Tá de ferrice em reza e suando gelado pra modo de que?

— Ê, Siora... Num vô mentir pr'ocê... Mas história de Sangagré é o que de mais tem, né? Os boi até pararam pra se tomar café, a modo do teu querer.

— Os boi pararam porque não quer fazer desfeita. Recebeu educação, não? Até os bicho são mais educado — Fechou carranca e aprumou o corpo pra Tomé.

— Ô Tinguá, deixa o rapaz. Ouve muito o povo e assombrado tem de ficar. Já já cresce e vê que num tem disso — Intervi pela palidez que Tomé foi tomando.

— Te digo coisa, menino... Nós tem dança, tem canto, sabe dos mato de remédio e morre que nem os bíblico: de velhice grande. Devia era aprender da gente.

Bateu de mão na tábua da carroça. Levantou de súbito e caminhou até as juntas de bois. Conversou no pé de ouvido com Sanhaço, murmurou coisa que não entendi até hoje. Nessa, o boi cavucou pata no barro e saiu quase de galope. O café que tava na boca amargou que só teve jeito quando cuspidos. Tomé arcou com o mesmo. Fomos puxados pelos animais e Tinguá ficou para trás. Sumiu rápido levando a carroça. Chamei a Tomé pra um terço bem rezado, visto que o amargor grudara na língua. O que foi feito. Disso... jamais falamos.



APRESENTAMOS O CONTO

A origem da brusca

POR MAX ROCHA

Século XIV, leste europeu; era pré-medieval contemporânea da grande fome que atingiu a Europa, assolada pelas guerras com os povos eslavos. Neste terrível contexto uma macabra história de injustiça social, discriminação, magia negra, bruxaria e possessão, envolvendo três gerações de mulheres independentes e ligadas às práticas naturais.

Max Rocha é apenas alguém que gosta de escrever. Médico graduado pela UFMG e pós-graduado pela PUC-RS. Escritor amador com publicações de obras literárias no site Recanto das Letras há mais de 10 anos (contos, crônicas, artigos e poesias entre outras obras - <https://www.recantodasletras.com.br/autores/maxrocha>). Perfil recentemente aberto na plataforma Wattpad (@Max_Rocha), com quatro (04) obras completas publicadas: noveleta e contos. Interesse por misticismo, folclore, ficção histórica e científica, narrativas de suspense, terror e mistério (este último com um toque de humor). Facebook: <https://www.facebook.com/max-rocha.56863221>.

I - 1332 / GÊNESE

O ano de 1332 (século XIV) corria de forma miserável para o vilarejo de Brownski, Grão-ducado da Morgônia. O leste europeu era assolado pelo inverno extremamente rigoroso que havia acabado com as colheitas. A grande fome que se abatera sobre grande parte da Europa, uma década atrás, ainda atingia de forma implacável os camponeses.

As guerras travadas com os povos eslavos do leste, mais que por território, significavam a sobrevivência em busca de alimentos. E foi nesse contexto sombrio que Yelena, então com pouco mais de 17 anos, encerraria seus dias terrenos em momentos de extrema agonia.

— Aaaarghh... minha mãe, me acuuuda, que dor! Não aguento mais... me perdoe... sei que fui fraca... que tola eu fui... aaaarghh... minha vista... está fraca... está vindo... logo... logo... aaaarghhhh...

Um choro estridente irrompeu de súbito à clareira onde a jovem agonizante residia com sua mãe, uma mulher solitária. Ragana, como era chamada, havia engravidado de Yelena aos 22, após ser vítima de estupro coletivo por guerreiros eslavos. Tinha uma saúde de ferro, superior às pobres condições em que vivia, talvez pelo seu conhecimento de como extrair da natureza os segredos para enfrentar as doenças da época.

Isso porém tornou aquele momento ainda mais desesperador. Sua única filha sangrava efusivamente durante o parto, o que a deixou sem ação, apesar da mulher decidida que sempre fora. Apesar de sua sabedoria, as poções que preparou não foram capazes de salvar Yelena, ao final daqueles estranhos 13 meses de gestação.

— Minha mãe... cuide dela por mim. Ensine a ela tudo que tentou me ensinar... e desprezei... que o destino dela seja diferente do meu...

O suor frio e pegajoso que escorria de sua testa emoldurou a dilatação progressiva de suas pupilas. Seu último estertor foi abafado pelo grito suplicante de vida de seu pequeno rebento.

II - YELENA e CASIMIR

Yelena tinha pele alva e cabelos castanho claros. Do alto de seus 16 anos, ostentava uma rebeldia própria dos adolescentes. Tinha formas pujantes, era objeto de desejo dos camponeses mas não comungava da popularidade de sua mãe no vilarejo. Ao contrário, era vista como muito arisca, por apreciar mais a solidão das matas que a companhia humana.

Por mais que Ragana tentasse, dizendo-lhe que talvez fosse este o seu futuro ganha-pão, não se interessava em aprender os segredos das ervas medicinais. No fundo sabia como havia sido concebida e isso a revoltava, apesar de admirar a sabedoria da mãe.

— Minha mãe, para que ajudar esses miseráveis? Só querem nossa carne... veja o que te aconteceu. Ainda hei de me vingar; a senhora verá!

Foi então com surpresa que Ragana percebeu a aproximação de sua filha rebelde a um forasteiro recentemente chegado a Brownski. Naquela época os estrangeiros não eram bem-vindos. Sabe-se lá o que traziam de ruim em suas mentes e corpos nômades, sem raízes que lhe dessem algum limite.

Seu nome era Casimir, e seus 28 anos eram traídos por um par de olhos muito castanhos e profundos, que emanavam uma malévola sabedoria, não condizente com sua tão pouca idade.

— O que viste neste forasteiro Yelena? Logo tu que tem desprezo pelos homens? O que fazes todas as tardes que te procuro? Pensas que não a vi correr pelas pradarias e penetrar nas matas com este estranho?

— Minha mãe, não vêes que pela primeira vez estou feliz? Casimir é tão... tão... sábio e misterioso. Nada tens a temer. Ele é fervoroso em suas crenças e tem me ensinado muito mais nestas poucas semanas do que aprendi em toda a minha vida.

Ragana não costumava se enganar. Aprendera com seus antepassados os segredos da floresta e não confiava em outro tipo de ensinamento. O que um forasteiro como Casimir poderia ensinar à sua filha, mais do que ela própria?

Resolveu sorrateiramente espionar o quarto da taverna onde o mancebo se hospedava, situada numa viela suja, em meio a prostíbulos. Como curandeira do povoado, conhecia os atalhos e como subornar os taverneiros.

— Escute Anninka, te dou duas moedas se me deixares vasculhar o quarto deste forasteiro de nome Casimir.

— Ragana, Ragana, o que fazes aqui? Nem precisas dizer. Todos já estão a comentar. Yelena anda bem mais alegre...

— Cala-te tua meretriz. Bem sei do que gostas!

— Mas o estrangeiro é até bem apresentável, ora se é! Bem... por duas moedas, podes ficar por toda à tarde. Ele costuma retornar só depois da meia-noite.

Ao entrar no cômodo mal iluminado pelas velas de sebo, sentiu o mesmo cheiro que emanava do estranho viajante. Concluiu que não vinha dos archotes, que exalavam um outro aroma rançoso. Não precisou de muito tempo para encontrar o que temia: sobre a mesa de canto, um pequeno cajado, um crânio humano, talismãs e um amontoado de pergaminhos de pele de cabra costurados entre si e repletos de linhas traçadas num idioma desconhecido, entremeadas por desenhos de pentagramas e seres bestiais: um grimório.

Ragana com angústia confirmou o que a amedrontava, desde o primeiro dia em que percebeu um sexto dedo preso à mão esquerda de Casimir. A profundidade daquele olhos já lhe havia dito: estava diante de um mago.

Os assim chamados magos, feiticeiros, druidas ou bruxos se caracterizavam por apresentar alguma marca corporal de nascença. Os raros representantes da casta eram resultado da conjunção carnal entre um demônio e uma humana. Possuíam capacidades mágicas poderosas e sua imortalidade muitas vezes era camuflada por uma aparência jovial, uma vez que à certa altura paravam de envelhecer. Mas em meio ao misticismo e poder carregavam uma fraqueza intrínseca: eram estéreis e necessitavam conjurar seus demônios, no intuito de preservar sua espécie.

— Maldito seja, ó ser das trevas! — Ragana perambulava aflita pela clareira em torno da choupana que habitava — para onde levaste minha criança?

Desde que voltara da estalagem, Yelena sumira. Um dia e uma manhã inteiros. A pobre mulher se desesperava. Suas ervas agora de nada valiam e temia mais que nunca o poder sedutor daquele bruxo.

III – BELETH

Casimir parecia diferente. Não mais tinha a aparência jovial que encantara Yelena. Ao contrário tinha o dorso curvado pelo peso dos anos e a face carcomida, com os enigmáticos olhos castanhos agora expressando toda a sua malignidade. Num estranho transe murmurava palavras indecifráveis, ditas em linguajar arcaico e desconhecido.

Havia com facões limpado uma pequena clareira no bosque noturno e jazia ajoelhado ao centro de um pentagrama esculpido com sal e galhos de árvore. Velas de sebo iluminavam a circunferência, criando uma iluminada estrela de cinco pontas.

Yelena estava semiconsciente, quase torporosa, deitada por sobre um grande tabuleiro de madeira antiga e envolvida por velas que emanavam fortes odores hipnóticos. Uma bruma densa a impedia de despertar. Um grande triângulo com os vértices apontados para o sul, leste e norte, construído com troncos de árvores, limitava a mesa improvisada.

Casimir brandia em sua mão direita um bastão de madeira com um cristal pontiagudo amarrado à ponta. Desenhava no ar repetidamente uma forma triangular. No dedo médio da mão esquerda ostentava um vistoso anel de prata, o qual era pressionado contra seu rosto.

Sabia que conjurava um poderoso e antiquíssimo espírito; um deus esquecido e adorado desde os primórdios da humanidade, denominado demônio pelos agora convertidos cristãos. Um senhor de 85 legiões de espíritos. O bruxo também tinha conhecimento do risco que corria durante o ritual, caso saísse dos limites do pentagrama.

Beleth surgiu furioso por entre os espectros da bruma bruxuleante. Sua face ostentava autoridade e sabedoria incompreensível aos simples mortais. Uma visão aterradora. Vislumbrou seu servo curvado aos seus pés, protegido pelo pentagrama. Urrou de fúria intangível, mas acalmou-se ao perceber a bela ninfa deitada à sua frente.

Dentre os 72 espíritos anteriormente invocados por Salomão, Beleth era o senhor do amor carnal entre homens e mulheres. Casimir assim o sabia...

Yelena foi asquerosamente abusada pelo bruxo, emponderado pela força maligna proveniente da criatura invocada. Uma violência inimaginável contra uma donzela indefesa. Nenhuma humanidade expirava daqueles seres demoníacos, o horrendo Beleth e o ignóbil Casimir.

O transe imposto pelo bruxo privou Yelena porém, de qualquer sensação. Acordou pela manhã sozinha na floresta, vestida apenas por uma túnica de linho branca, ensanguentada. Não se lembrava do horror indescritível de que fora vítima.

Velas apagadas. O mago havia desaparecido.

— Esse porco nojento — chorava convulsivamente — como me deixei enganar... minha mãe me alertou — desmaiou novamente ao tentar se erguer, tomada por uma dor excruciante em sua pelve.

IV – A BRUXA

Um pesadelo se abateu sobre a misteriosa Ragana, após a morte de sua única filha. Rogou todas as pragas possíveis ao miserável Casimir. Em desespero, sepultou sua menina, atormentada pelo ódio ao feiticeiro e esfacelada pelo horror da situação.

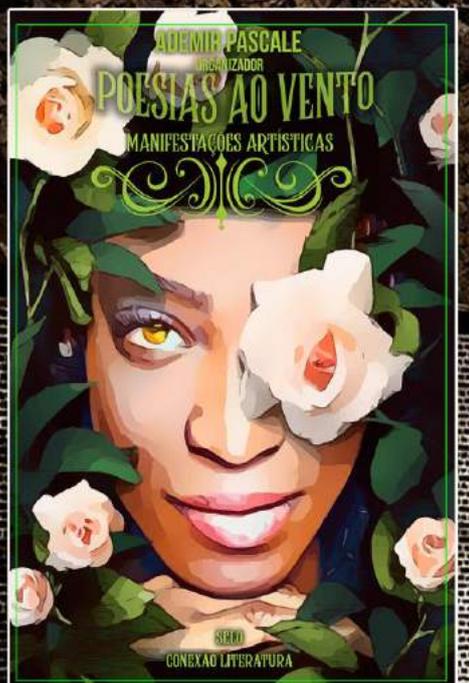
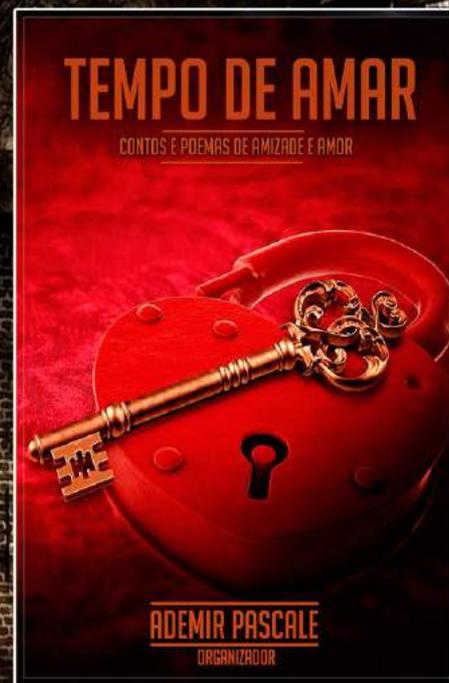
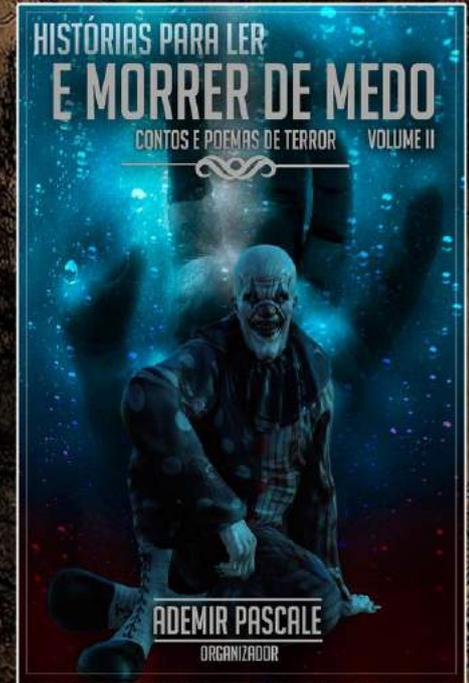
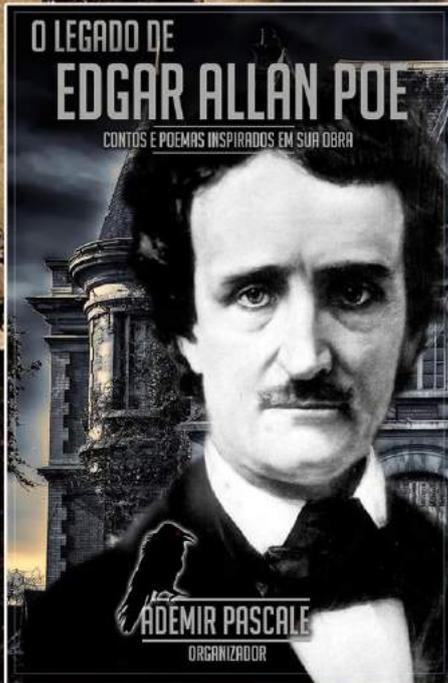
Tempos negros se anunciaram. Ragana teria pela frente um desafio além de suas forças. Sua mente se torturava — “Conseguiria amar o fruto daquela nefasta união?”

— “O que o futuro reservaria àquela pequena criatura?” — Yelena amava a liberdade que não teve. Talvez por isso tivesse escolhido o animal espiritual lobo — significado do nome — para a pequena: força e determinação para as provações que viriam.

Da união de uma humana e um demônio emergia uma estupenda mulher e também uma terrível entidade. Daciana... assim seria chamada.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAS EM ABERTO: CLIQUE AQUI